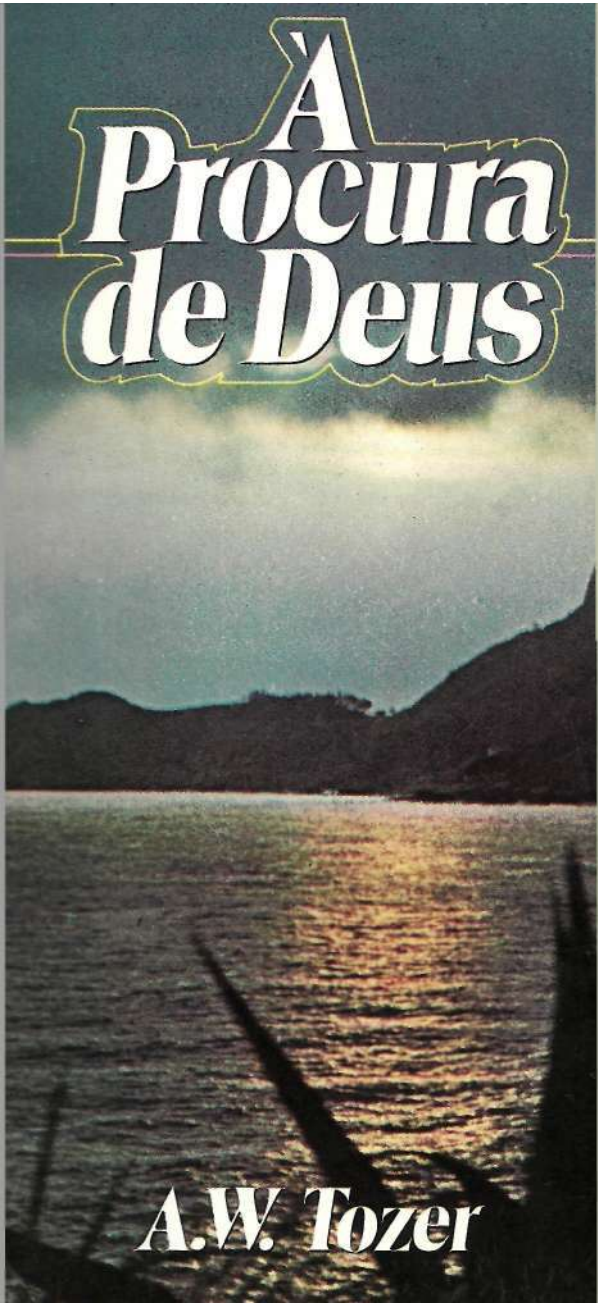




A Procura de Deus

A.W. Tozer

À Procura de Deus

A.W. Tozer

“Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma.” (Salmo 42.1.)

“Conheçamos e prossigamos em conhecer ao Senhor: como a alva a sua vinda é certa.” (Oséias 6.3.)

“Ainda existem pessoas que querem provar... e ver com os olhos do íntimo, quão maravilhoso Deus é. Eu me dirijo a eles.” — o autor

O objetivo principal do Apóstolo Paulo era **CONHECER A CRISTO!**, e, enquanto o povo de Deus conhecia apenas os **seus feitos**, Moisés conhecia os **seus caminhos**.

Hoje em dia preocupamo-nos mais em servir a Deus do que em conhecê-lo intimamente. É certo que queremos sentir a presença de Deus em nosso meio, mas, para quê? Para alcançar nossos objetivos ou os dele?

Este livro oferece a solução para quem já conhece a Cristo, mas não está satisfeito em servi-lo apenas, e deseja, acima de tudo, glorificá-lo e conhecê-lo melhor.

a procura de **DEUS**

A.W. TOZER

*"Conheçamos, e prossigamos em conhecer ao Senhor:
como a alva a sua vinda é certa."
(Os 6.3.)*

Título do original em inglês:

THE PURSUIT OF GOD

Copyright © 1948 Christian Publications, Inc.
Harrisburg, PA

Quarta edição — 1985

Todos os direitos gentilmente cedidos por
Christian Publications, Inc. e

Aliança Cristã e Missionária, Curitiba — PR à

Editora Betânia S/C

Caixa Postal 10

30.000 Venda Nova, MG

É proibida a reprodução total ou parcial
sem permissão, por escrito, dos editores.

Composto e impresso nas oficinas da

Editora Betânia S/C

Rua Pe. Pedro Pinto, 2435

Belo Horizonte (Venda Nova), MG

Printed in Brazil

ÍNDICE

Introdução	7
Prefácio	9
1. Seguindo a Deus de Perto	12
2. A Bênção de Não Possuir Nada	20
3. Removendo o Véu	28
4. Sentindo a Realidade de Deus	39
5. A Onipresença de Deus	47
6. A Voz do Verbo	55
7. O Deslumbramento da Alma	63
8. A Restauração da Comunhão Entre o Criador e a Criatura	73
9. Mansidão e Descanso	81
10. Santidade no Viver	88

INTRODUÇÃO

Eis um estudo magistral sobre a alma humana, apresentado por um coração sequioso de comunhão com Deus, ansioso para apreender pelo menos “as orlas de seus caminhos”, a profundidade do seu amor pelos pecadores e a altura de sua inacessível majestade — e escrito por um atarefado pastor evangélico de Chicago!

Quem poderia imaginar Davi escrevendo o Salmo 23 na rua Halsted, ou um místico da era medieval recebendo inspiração em uma minúscula saleta de segundo andar de uma casa de madeira, naquele vasto tabuleiro de ruas intermináveis?

Porém, do mesmo modo que o Dr. Frank Mason North, de Nova York, fala desse paradoxo em seu imortal poema, assim também diz o Sr. Tozer neste livro:

Acima dos ruídos da luta cotidiana

Ouve-se a voz do Filho do homem.

Meu relacionamento com o autor consiste apenas de breves visitas e de momentos esparsos de comunhão espiritual em sua igreja. Nele descobri um autodidata, um leitor insaciável, dotado de uma notável biblioteca de volumes teológicos e devocionais, e que parece disposto a gastar todo o óleo de sua lâmpada à procura de Deus. Este livro é resultado de muitas horas de meditação e oração. Não é uma coleção de sermões, nem tem relação com a vida da igreja em si, mas é dirigido à alma que tem sede de Deus. Seu conteúdo poderia estar sintetizado na

oração de Moisés: “Mostra-me a tua glória”, ou na exclamação de Paulo: “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus!” Trata-se, pois, não de uma teologia da mente, mas do coração.

Sua profunda introspecção, sua sobriedade de estilo, e a amplitude de sua visão são muito agradáveis. O autor faz poucas citações, mas conhece os santos e místicos dos séculos — Agostinho, Nicolau de Cusa, Tomás à Kempis, von Hügel, Finney, Wesley, e muitos outros. Estes dez capítulos sondam-nos a alma, e as orações contidas em cada um deles são íntimas, e não como as que são feitas publicamente. *Senti-me bem perto de Deus ao lê-las.*

Aqui, pois, está um livro que deve ser lido por pastores, missionários ou qualquer outro cristão verdadeiro. Aborda a profundidade da pessoa de Deus e as riquezas de sua graça. Acima de tudo, caracteriza-se pela ênfase que dá à sinceridade e à humildade.

Samuel M. Zwemer

PREFÁCIO

Nesta hora de trevas universais, aparece, animador, um raio de luz: dentro do aprisco do cristianismo conservador, há um número crescente de pessoas cuja vida religiosa se caracteriza por uma profunda fome de Deus. Elas buscam realidades espirituais, e não se satisfazem com meras palavras, nem com corretas “interpretações” da verdade. Têm sede do próprio Deus, e não serão dessedentadas enquanto não houverem bebido da Fonte de águas vivas.

Este é o único indício real de avivamento que pude perceber, dentro do horizonte religioso. Talvez seja a nuvenzinha pela qual alguns santos esperam. Isso poderia resultar em ressurreição de vida para muitas pessoas, restaurando aquele sentimento de enlevo espiritual que deveria acompanhar a fé em Cristo, sentimento este que desapareceu quase inteiramente da Igreja de Deus, de nossos dias.

Essa fome, entretanto, deve ser reconhecida pelos nossos líderes religiosos. O movimento evangélico (para usar a figura) armou o altar e imolou o cordeiro do holocausto, mas agora parece satisfeito em enumerar as pedras e reagrupar os pedaços, sem preocupar-se com a ausência de qualquer sinal de fogo, sobre o alto do monte Carmelo. Todavia, damos graças a Deus, porque sempre há alguns que se importam com isso. São esses os que, apesar de amarem o altar e se deleitarem no sacrifício, não se contentam com a idéia da ausência contínua do fogo. Desejam a Deus acima de tudo. Anelam por provar pessoalmente da “doçura transcendente” do amor de Cristo, acerca de quem todos os santos profetas escreveram e os salmistas cantaram.

Atualmente não há falta de mestres da Palavra que ensinem corretamente os princípios das doutrinas de Cristo, mas um grande número deles parece satisfeito em lançar os fundamentos da fé, todo ano, estranhamente inconscientes do fato de que em seu próprio ministério falta a presença manifesta do Espírito, e suas vidas não possuem nada de extraordinário. Pregam constantemente a crentes que têm um profundo anelo por Deus, e não podem ser satisfeitos apenas com o ensino que recebem.

Eu creio estar falando com amor — mas existe esta lacuna em nossos púlpitos. Há uma terrível sentença do poeta inglês Milton, que se aplica aos nossos dias tanto quanto se aplicava à sua época: “As ovelhas famintas erguem a cabeça, mas não são alimentadas.” A situação é seríssima. É um escândalo dentro do Reino ver os filhos de Deus famintos, apesar de estarem assentados à mesa do Pai. Wesley disse: “A ortodoxia, ou a opinião correta, é uma parte muito secundária da nossa crença. Apesar de só sentirmos temor de Deus quando fazemos uma idéia correta a seu respeito, é possível termos um conceito acertado sem que haja temor. Pode haver um conceito correto de Deus, sem que haja amor ou sentimento de temor para com ele. Satanás é uma prova disso.” A veracidade destas palavras está sendo confirmada diante de nossos olhos.

Graças ao esplêndido trabalho de nossas sociedades bíblicas, e de outras agências eficazes na disseminação da Palavra, existem hoje milhões de pessoas que conhecem a verdade do evangelho, e cujo número é maior do que o de qualquer outro período da História da Igreja. Não obstante, pergunto se já houve período em que a adoração espiritual tenha sido reduzida a um nível tão baixo. Em muitos lugares, a Igreja perdeu totalmente a noção do que seja adoração. Em lugar desta, surgiu aquele costume estranho e importado, chamado “programa”. Esse termo foi tomado emprestado ao teatro, e é empregado com amarga propriedade ao tipo de culto público que atualmente passa por adoração em muitos círculos evangélicos.

Apresentar a *sã doutrina* é o *dever* imperativo da Igreja do Deus vivo. Sem ela, a Igreja não estará dentro dos

moldes do Novo Testamento, no sentido estrito da palavra. No entanto, esse doutrinamento pode ser feito de um modo que deixe os ouvintes ainda desprovidos de qualquer nutrição espiritual autêntica. Não são meras palavras que alimentam a alma, mas o próprio Deus; e a menos que os ouvintes encontrem a Deus, através de uma experiência pessoal, não melhorarão em nada, por terem ouvido a verdade. A Bíblia não é uma finalidade em si, mas apenas um meio para levar os homens a um conhecimento mais profundo e satisfatório de Deus, de modo a que cheguem a identificar-se com ele e deleitar-se em sua presença, e possam provar e conhecer intimamente a doçura dessa comunhão de coração com o próprio Deus.

Este livro é uma desprezensosa tentativa de ajudar os filhos de Deus, que estejam desejosos de encontrá-lo. Nada nele é novidade, exceto pelo fato de ser uma descoberta, feita pelo meu próprio coração, de realidades espirituais as mais sublimes e maravilhosas para mim. Outros, antes de mim, foram muito além, nesses mistérios; porém, se esse fogo que arde em mim não é maior, pelo menos é real, e talvez alguns possam acender suas candeias em suas chamas.

A. W. Tozer

CAPÍTULO 1

SEGUINDO A DEUS DE PERTO

*A minha alma apegar-se a ti:
a tua destra me ampara. (Sl 63.8.)*

O evangelho nos ensina a doutrina da graça preveniente, que significa simplesmente que, antes de um homem poder buscar a Deus, Deus tem que buscá-lo primeiro.

Para que o pecador tenha uma idéia correta a respeito de Deus, deve receber antes um toque esclarecedor em seu íntimo; que, mesmo que seja imperfeito, não deixa de ser verdadeiro, e é o que desperta nele essa fome espiritual que o leva à oração e à busca.

Procuramos a Deus porque, e somente porque, ele primeiramente colocou em nós o anseio que nos lança nessa busca. “Ninguém pode vir a mim”, disse o Senhor Jesus, “se o Pai que me enviou não o trouxer” (Jo 6.44), e é justamente através desse *trazer* preveniente, que Deus tira de nós todo vestígio de mérito pelo ato de nos achegarmos a ele. O impulso de buscar a Deus origina-se em Deus, mas a realização do impulso depende de o seguirmos de todo o coração. E durante todo o tempo em que o buscamos, já estamos em sua mão: “... o Senhor o segura pela mão.” (Sl 37.24.)

Nesse “amparo” divino e no ato humano de “apegar-se” não há contradição. Tudo provém de Deus, pois, segundo afirma von Hügel, *Deus é sempre a causa primeira*. Na prática, entretanto (isto é, quando a operação prévia de Deus se combina com uma reação positiva do homem), cabe ao homem a iniciativa de buscar a Deus. De nossa parte deve haver uma participação positiva, para que essa atração

divina possa produzir resultados em termos de uma experiência pessoal com Deus. Isso transparece na calorosa linguagem que expressa o sentimento pessoal do salmista, no Salmo 42: “Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo: quando irei e me verei perante a face de Deus?” É um apelo que parte do mais profundo da alma, e qualquer coração anelante pode muito bem entendê-lo.

A doutrina da justificação pela fé — uma verdade bíblica, e uma bênção que nos liberta do legalismo estéril e de um inútil esforço próprio — em nosso tempo tem-se degenerado bastante, e muitos lhe dão uma interpretação que acaba se constituindo um obstáculo para que o homem chegue a um conhecimento verdadeiro de Deus. O milagre do novo nascimento está sendo entendido como um processo mecânico e sem vida. Parece que o exercício da fé já não abala a estrutura moral do homem, nem modifica a sua velha natureza. É como se ele pudesse aceitar a Cristo sem que, em seu coração, surgisse um genuíno amor pelo Salvador. Contudo, o homem que não tem fome nem sede de Deus pode estar salvo? No entanto, é exatamente nesse sentido que ele é orientado: conformar-se com uma transformação apenas superficial.

Os cientistas modernos perderam Deus de vista, em meio às maravilhas da criação; nós, os crentes, corremos o perigo de perdermos Deus de vista em meio às maravilhas da sua Palavra. Andamos quase inteiramente esquecidos de que Deus é uma pessoa, e que, por isso, devemos cultivar nossa comunhão com ele como cultivamos nosso companheirismo com qualquer outra pessoa. É parte inerente de nossa personalidade conhecer outras personalidades, mas ninguém pode chegar a um conhecimento pleno de outrem através de um encontro apenas. Somente após uma prolongada e afetuosa convivência é que dois seres podem avaliar mutuamente sua capacidade total.

Todo contato social entre os seres humanos consiste de um reconhecimento de uma personalidade para com outra, e varia desde um esbarrão casual entre dois homens, até

à comunhão mais íntima de que é capaz a alma humana. O sentimento religioso consiste, em sua essência, numa reação favorável das personalidades criadas, para com a Personalidade Criadora, Deus. “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.”

Deus é uma pessoa, e nas profundezas de sua poderosa natureza ele pensa, deseja, tem gozo, sente, ama, quer e sofre, como qualquer outra pessoa. Em seu relacionamento conosco, ele se mantém fiel a esse padrão de comportamento da personalidade. Ele se comunica conosco por meio de nossa mente, vontade e emoções. O cerne da mensagem do Novo Testamento é a comunhão entre Deus e a alma remida, manifestada em um livre e constante intercâmbio de amor e pensamento.

Esse intercâmbio, entre Deus e a alma, pode ser constatado pela percepção consciente do crente. É uma experiência pessoal, isto é, não vem através da igreja, como Corpo, mas precisa ser vivida por cada membro. Depois, em consequência dele, todo o Corpo será abençoado. E é uma experiência consciente: isto é, não se situa no campo do subconsciente, nem ocorre sem a participação da alma (como, por exemplo, segundo alguns imaginam, se dá com o batismo infantil), mas é perfeitamente perceptível, de modo que o homem pode “conhecer” essa experiência, assim como pode conhecer qualquer outro fato experimental.

Nós somos em miniatura, (excetuando os nossos pecados) aquilo que Deus é em forma infinita. Tendo sido feitos à sua imagem, temos dentro de nós a capacidade de conhecê-lo. Enquanto em pecado, falta-nos tão-somente o poder. Mas, a partir do momento em que o Espírito nos revivifica, dando-nos uma vida regenerada, todo o nosso ser passa a gozar de afinidade com Deus, mostrando-se exultante e grato. Isso é este nascer do Espírito sem o qual não podemos ver o reino de Deus. Entretanto, isso não é o fim, mas apenas o começo, pois é a partir daí que o nosso coração inicia o glorioso caminho da busca, que consiste em penetrar nas infinitas riquezas de Deus. Posso

dizer que começamos neste ponto, mas digo também que homem nenhum já chegou ao final dessa exploração, pois os mistérios da Trindade são tão grandes e insondáveis, que não têm limite nem fim.

Encontrar-se com o Senhor, e mesmo assim continuar a buscá-lo, é o paradoxo da alma que ama a Deus. É um sentimento desconhecido daqueles que se satisfazem com pouco, mas comprovado na experiência de alguns filhos de Deus que têm o coração abrasado.

Se examinarmos a vida de grandes homens e mulheres de Deus, do passado, logo sentiremos o calor com que buscavam ao Senhor. Choravam por ele, oravam, lutavam e buscavam-no dia e noite, a tempo e fora de tempo, e, ao encontrá-lo, a comunhão parecia mais doce, após a longa busca. Moisés usou o fato de que conhecia a Deus como argumento para conhecê-lo ainda melhor. “Agora, pois, se achei graça aos teus olhos, rogo-te que me faças saber neste momento o teu caminho, para que eu te conheça, e ache graça aos teus olhos” (Êx 33.13). E, partindo daí, fez um pedido ainda mais ousado: “Rogo-te que me mostres a tua glória” (Êx 33.18). Deus ficou verdadeiramente alegre com essa demonstração de ardor, e, no dia seguinte, chamou Moisés ao monte, e ali, em solene cortejo, fez toda a sua glória passar diante dele.

A vida de Davi foi uma contínua ânsia espiritual. Em todos os seus salmos ecoa o clamor de uma alma anelante, seguido pelo brado de regozijo daquele que é atendido. Paulo confessou que a mola-mestra de sua vida era o seu intenso desejo de conhecer a Cristo mais e mais. “Para o conhecer...” (Fp 3.10), era o objetivo de seu viver, e para alcançar isso, sacrificou todas as outras coisas. “Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus meu Senhor: por amor do qual, perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo” (Fp 3.8).

Muitos hinos evangélicos revelam este anelo da alma por Deus, embora a pessoa que canta, já saiba que o encontrou. Há apenas uma geração, nossos antepassados cantavam o hino que dizia: “Verei e seguirei o seu caminho”;

hoje não o ouvimos mais entre os cristãos. É uma tragédia que, nesta época de trevas, deixemos só para os pastores e líderes a busca de uma comunhão mais íntima com Deus. Agora, tudo se resume num ato inicial de "aceitar" a Cristo (a propósito, esta palavra não é encontrada na Bíblia), e daí por diante não se espera que o convertido almeje qualquer outra revelação de Deus para a sua alma. Estamos sendo confundidos por uma lógica espúria que argumenta que, se já encontramos o Senhor, não temos mais necessidade de buscá-lo. Esse conceito nos é apresentado como sendo o mais ortodoxo, e muitos não aceitariam a hipótese de que um crente instruído na Palavra pudesse crer de outra forma. Assim sendo, todas as palavras de testemunho da Igreja que significam adoração, busca e louvor, são friamente postas de lado. A doutrina que fala de uma experiência do coração, aceita pelo grande contingente dos santos que possuíam o *bom perfume de Cristo*, hoje é substituída por uma interpretação superficial das Escrituras, que sem dúvida soaria como muito estranha para Agostinho, Rutherford ou Brainerd.

Em meio a toda essa frieza existem ainda alguns — alegro-me em reconhecer — que jamais se contentarão com essa lógica superficial. Talvez até reconheçam a força do argumento, mas depois saem em lágrimas à procura de algum lugar isolado, a fim de orarem: "Ó Deus, mostrame a tua glória." Querem provar, ver com os olhos do íntimo, quão maravilhoso Deus é.

É meu propósito instilar nos leitores um anseio mais profundo pela presença de Deus. É justamente a ausência desse anseio que nos tem conduzido a esse baixo nível espiritual que presenciamos em nossos dias. Uma vida cristã estagnada e infrutífera é resultado da ausência de uma sede maior de comunhão com Deus. A complacência é inimigo mortal do crescimento cristão. Se não existir um desejo profundo de comunhão, não haverá manifestação de Cristo para o seu povo. Ele espera que o procuremos. Infelizmente, no caso de muitos crentes, é em vão que essa espera se prolonga.

Cada época tem suas próprias características. Neste exato instante encontramos-nos em um período de grande

complexidade religiosa. A simplicidade existente em Cristo raramente se acha entre nós. Em lugar disso, vêem-se apenas programas, métodos, organizações e um mundo de atividades animadas, que ocupam tempo e atenção, mas que jamais podem satisfazer à fome da alma. A superficialidade de nossas experiências íntimas, a forma vazia de nossa adoração, e aquela servil imitação do mundo, que caracterizam nossos métodos promocionais, tudo testifica que nós, em nossos dias, conhecemos a Deus apenas imperfeitamente, e que raramente experimentamos a sua paz.

Se desejamos encontrar a Deus em meio a todas as exteriorizações religiosas, primeiramente temos que resolver buscá-lo, e daí por diante prosseguir no caminho da simplicidade. Agora, como sempre o fez, Deus revela-se aos pequeninos, e oculta-se daqueles que são sábios e prudentes aos seus próprios olhos. É mister que simplifiquemos nossa maneira de nos aproximar dele. Urge que fiquemos tão-somente com o que é essencial (e felizmente, bem poucas coisas são essenciais). Devemos deixar de lado todo esforço para impressioná-lo, e ir a Deus com a singeleza de coração da criança. Se agirmos dessa forma, Deus nos responderá sem demora.

Não importa o que a Igreja e as outras religiões digam. Na realidade, o que precisamos é de Deus mesmo. O hábito condenável de buscar "a Deus e . . ." é o que nos impede de encontrar ao Senhor na plenitude de sua revelação. É no conetivo "e" que reside toda a nossa dificuldade. Se omitíssemos esse "e", em breve acharíamos o Senhor, e nele encontraríamos aquilo por que intimamente sempre anelamos.

Não precisamos temer que, se visarmos tão-somente a comunhão com Deus, estejamos limitando nossa vida ou inibindo os impulsos naturais do coração. O oposto é que é verdade. Convém-nos perfeitamente fazer de Deus o nosso tudo, concentrando-nos nele, e sacrificando tudo por causa dele.

O autor do estranho e antigo clássico inglês, *The Cloud of Unknowing* (A nuvem do desconhecimento), dá-nos instruções de como conseguir isso. Diz ele: "Eleve seu

coração a Deus num impulso de amor; busque a ele, e não suas bênçãos. Daí por diante, rejeite qualquer pensamento que não esteja relacionado com Deus. E assim não faça nada com sua própria capacidade, nem segundo a sua vontade, mas somente de acordo com Deus. Para Deus, esse é o mais agradável exercício espiritual."

Em outro trecho, o mesmo autor recomenda que, em nossas orações, nos despojemos de todo o empecilho, até mesmo de nosso conhecimento teológico. "Pois basta-lhe a intenção de dirigir-se a Deus, sem qualquer outro motivo além da pessoa dele." Não obstante, sob todos os seus pensamentos, aparece o alicerce firme da verdade neotestamentária, porquanto explica o autor que, ao referir-se a "ele", tem em vista o "Deus que o criou, resgatou, e que, em sua graça, o chamou para aquilo que você agora é." Este autor defende vigorosamente a simplicidade total: "Se desejamos ver a religião cristã resumida em uma única palavra, para assim compreendermos melhor o seu alcance, então tomemos uma palavra de uma sílaba ou duas. Quanto mais curta a palavra, melhor será, pois uma palavra menor está mais de acordo com a simplicidade que caracteriza toda a operação do Espírito. Tal palavra deve ser ou *Deus* ou *Amor*."

Quando o Senhor dividiu a terra de Canaã entre as tribos de Israel, a de Levi não recebeu partilha alguma. Deus disse-lhe simplesmente: "Eu sou a tua porção e a tua herança no meio dos filhos de Israel" (Nm 18.20), e com essas palavras tornou-a mais rica que todas as suas tribos irmãs, mais rica que todos os reis e rajás que já viveram neste mundo. E em tudo isto transparece um princípio espiritual, um princípio que continua em vigor para todo sacerdote do Deus Altíssimo.

O homem, cujo tesouro é o Senhor, tem todas as coisas concentradas nele. Outros tesouros comuns talvez lhe sejam negados, mas mesmo que lhe seja permitido desfrutar deles, o usufruto de tais coisas será tão diluído que nunca é necessário à sua felicidade. E se lhe acontecer de vê-los desaparecer, um por um, provavelmente não experimentará sensação de perda, pois conta com a fonte, com

a origem de todas as coisas, em Deus, em quem encontra toda satisfação, todo prazer e todo deleite. Não se importa com a perda, já que, em realidade nada perdeu, e possui tudo em uma pessoa — Deus — de maneira pura, legítima e eterna.

Ó Deus, tenho provado da tua bondade, e se ela me satisfaz, também aumenta minha sede de experimentar ainda mais. Estou perfeitamente consciente de que necessito de mais graça. Envergonho-me de não possuir uma fome maior. Ó Deus, ó Deus trino, quero buscar-te mais; quero buscar apenas a ti; tenho sede de tornar-me mais sedento ainda. Mostra-me a tua glória, rogo-te, para que assim possa conhecer-te verdadeiramente. Por tua misericórdia, começa em meu íntimo uma nova operação de amor. Diz à minha alma: "Levanta-te, querida minha, formosa minha, e vem" (Ct 2.10). E dá-me graça para que me levante e te siga, saindo deste vale escuro onde estou vagueando há tanto tempo. Em nome de Jesus. Amém.

CAPÍTULO 2

A BÊNÇÃO DE NÃO POSSUIR NADA

*Bem-aventurados os humildes de espírito,
porque deles é o reino dos céus. (Mt 5.3.)*

Antes de o Senhor Deus criar o homem sobre a face da terra, primeiramente preparou tudo para ele, criando inúmeras coisas úteis e agradáveis, para seu sustento e deleite. Foram feitas para serem utilizadas pelo homem, mas deviam sempre ser exteriores ao homem, e subservientes a ele. Isso porque, no mais recôndito do seu coração, havia um santuário que somente Deus era digno de ocupar. Dentro do homem achava-se Deus; e fora, milhares de dons que o Senhor derramara sobre ele, como chuva.

O pecado, entretanto, trouxe complicações, e transformou esses dons de Deus em potenciais de ruína para a alma.

Nossos "ais" tiveram começo quando o homem forçou Deus a sair de seu santuário central, e deu permissão às "coisas" de ali penetrar. Uma vez dentro do coração humano, as "coisas" passaram a imperar. O homem, por natureza, não mais goza de paz em seu coração, pois Deus não se acha mais entronizado ali; pelo contrário, na obscuridade moral da alma humana, usurpadores teimosos e agressivos lutam entre si, procurando ocupar esse trono.

Não se trata de uma mera figura metafórica e sim de uma análise acurada de nosso verdadeiro problema espiritual. Dentro do homem há um coração empedernido cuja natureza e intento é sempre possuir, possuir. Ele ambiciona as "coisas", com um desejo arraigado e feroz. Os pronomes "meu" e "minha" parecem perfeitamente inocentes quando impressos no papel, mas o seu emprego constante e universal é muito significativo. Expressam

a natureza real do velho homem adâmico melhor do que mil volumes de teologia. São sintomas verbais de nossa alma enferma. As raízes do nosso coração penetraram fundo nas coisas, e não ousamos arrancar nenhuma delas, com receio de morrer. As coisas se tornaram necessárias para nós, de um modo que jamais foi da intenção de Deus. Aqueles dons, portanto, tomaram um lugar que, de direito pertence a Deus, e todo o curso da natureza é transtornado por essa monstruosa substituição.

O Senhor Jesus referiu-se a essa tirania das coisas quando disse aos seus discípulos: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Porquanto, quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a vida por minha causa, achá-la-á" (Mt 16.24, 25).

Dividindo o assunto em partes, para que possamos entendê-lo melhor, parece que há no interior de cada um de nós um inimigo que toleramos, e que nos faz correr perigo. Jesus o denominou de "vida" e de "ego", ou, conforme o designaríamos modernamente, de "egocentrismo". Sua principal característica é o sentimento e o desejo de posse: as palavras "ganho" e "lucro" sugerem essa idéia. Permitir que esse inimigo viva em nós, leva-nos a perder tudo. Mas, repudiá-lo e desistir das coisas por amor de Cristo, não é perda, mas antes, uma preservação de tudo para a vida eterna. É bem possível que o Senhor, nesse trecho, também nos esteja dando uma indicação sobre a única maneira eficaz de destruir esse adversário: por meio da cruz. "Tome a sua cruz e siga-me."

Em sua caminhada para um conhecimento mais profundo de Deus, o homem atravessa os vales solitários da pobreza de espírito e da renúncia a todas as coisas. Os que alcançaram a bênção de possuir o Reino são aqueles que rejeitaram todas as coisas materiais, desarraigando do coração todo sentimento de posse. São os "humildes de espírito". Atingiram um estado íntimo comparável à aparência exterior de um mendigo das ruas de Jerusalém; isso é o que realmente significa a palavra "pobre", na afirmação feita por Jesus. Os pobres bem-aventurados são aqueles que já não são mais escravos das coisas, pois quebraram o jugo

opressor; e o conseguiram, não lutando, mas entregando tudo ao Senhor. Embora libertos do sentimento de posse contudo, possuem tudo: "Deles é o reino dos céus".

Permita-me dizer-lhe que é necessário encarar seriamente todas essas verdades. Não podemos reputá-las como meros ensinamentos bíblicos que devem ser armazenados na mente, junto com tantos outros conceitos teóricos. Pelo contrário, essa verdade é um sinal orientador na estrada que leva aos pastos verdejantes, uma trilha nas encostas do monte de Deus. Não podemos evitá-la, se quisermos prosseguir nesse caminho de busca. É necessário que subamos, escalando um degrau de cada vez. Se rejeitarmos um degrau que seja, ali mesmo faremos estacionar nosso progresso espiritual.

Conforme sucede com frequência, esse princípio neotestamentário da vida espiritual encontra suas melhores representações nos personagens do Antigo Testamento. Na história de Abraão e Isaque temos um exemplo dramático de uma vida rendida, além de uma excelente ilustração da primeira bem-aventurança.

Abraão já era idoso quando Isaque nasceu. Na verdade, já tinha idade suficiente para ser seu avô, e o menino imediatamente se tornou um deleite e um ídolo para seu velho pai. Desde o primeiro instante em que se curvou para tomar aquele corpo pequenino e frágil em seus braços desajeitados, tornou-se escravo do amor intenso que dedicava ao filho. Deus fez questão de mostrar o erro dessa afeição exagerada. E não é difícil entendê-la. O bebê representava tudo que era mais sagrado para o coração de seu pai: as promessas de Deus, as alianças, a esperança dos longos anos de sonhos messiânicos. Ao vê-lo desenvolver-se, desde a mais tenra infância até à adolescência, o coração do velho foi-se apegando cada vez mais à vida de seu filho, até que finalmente esse sentimento chegou às fronteiras de um terreno espiritualmente perigoso. Foi nessa conjuntura que Deus interferiu, a fim de salvar tanto o pai como o filho das consequências de um amor idólatra.

"Toma teu filho, teu único filho, Isaque", ordenou o Senhor a Abraão, "a quem amas, e vai-te à terra de Moriá;

oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que eu te mostrarei" (Gn 22.2). O escritor sagrado poupa-nos uma visão detalhada da agonia que Abraão passou naquela noite, nas colinas próximas de Berseba, quando ele teve de solucionar a questão com Deus. Mas, na imaginação, podemos contemplar, com admiração, sua forma encurvada e convulsa a lutar sozinho, sob as estrelas. Antes que outro "maior do que Abraão" viesse ao mundo e agonizasse no jardim do Getsêmani, talvez nenhum outro coração humano tivesse experimentado uma dor tão profunda. Se ao menos Deus lhe houvesse permitido morrer em lugar de Isaque... Isso lhe teria sido mil vezes mais fácil, já que atingira idade avançada, e morrer não seria um sacrifício tão grande para quem andara com Deus durante tantos anos. Outrossim, teria tido um último e doce prazer em repousar sua visão já cansada sobre a figura de seu intrépido filho, que viveria para levar adiante a linha abraâmica e cumprir, em si mesmo, as promessas que Deus lhe fizera, há tantos anos, quando ainda se encontrava em Ur dos caldeus.

Como podia ele imolar o jovem? Mesmo que pudesse conseguir o consentimento de seu coração ferido e inconformado, como poderia Abraão conciliar essa atitude de Deus com a promessa que dizia: "... por Isaque será chamada a tua descendência"? (Gn 21.12.) Essa foi a prova de fogo de Abraão, mas ele não caiu, ao enfrentar esse cadinho de aflição. Enquanto as estrelas ainda resplandeciam como pontas agudas e rebrilhantes, bem acima da tenda onde dormia o jovem Isaque, e muito antes da cinzenta madrugada haver raiado no oriente, aquele velho homem de Deus já tomara a sua resolução. Ofereceria seu filho em holocausto, conforme o Senhor lhe ordenara, e depois *confiaria em que Deus o ressuscitaria dos mortos*. E essa, no dizer do escritor da epístola aos Hebreus, foi a solução que seu coração sofredor encontrou, durante aquela noite de luta. Assim, ele se levantou "de madrugada", para executar o seu plano. É interessante notar que, apesar de haver-se equivocado quanto ao método que Deus empregaria, ele compreendera perfeitamente o grande mistério do coração divino. E a solução estava integralmente de

conformidade com as Escrituras do Novo Testamento: “Quem quer perder a vida por minha causa, achá-la-á”.

Deus permitiu que aquele homem sofrido prosseguisse com o plano até o ponto em que provou que não retrocederia mais, e aí então impediu-o de tocar no filho. E ao patriarca perplexo, Deus disse: “Chega, Abraão. Na realidade nunca tencionei que você realmente sacrificasse seu filho. Eu queria apenas removê-lo do santuário de seu coração, para que eu possa reinar ali sem rivais. Desejava corrigir a distorção de seu afeto. Pode ficar com seu filho, são e perfeito. Tome-o e volte para a sua tenda. Agora sei que você teme a Deus, já que não me negou seu filho, seu único filho, a quem você tanto ama.”

Abriam-se os céus e ouviu-se uma voz que lhe dizia: “Jurei por mim mesmo, diz o Senhor, porquanto fizeste isso, e não me negaste o teu único filho, que deveras te abençoarei e certamente multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus e como a areia na praia do mar: a tua descendência possuirá a cidade dos seus inimigos, nela serão benditas todas as nações da terra: porquanto obedeceste à minha voz.” (Gn 22.16-18.)

Aquele homem de Deus ergueu a cabeça para ouvir a voz, e ficou ali de pé, sobre o monte, forte, puro e impávido, um homem escolhido por Deus para receber um tratamento todo especial, amigo e filho amado do Altíssimo. Agora era uma pessoa totalmente rendida ao Senhor, perfeitamente obediente, um homem que nada possuía além de Deus. Concentrara tudo na pessoa de seu filho querido, mas o Senhor o tomara dele. Deus poderia ter começado a operar na vida de Abraão, da periferia para o coração; mas preferiu atingir diretamente o coração primeiro, fazendo toda a obra com um golpe súbito de separação. Agindo assim poupou tempo e recursos. Foi um método que o feriu cruelmente, mas grandemente eficaz.

Já declarei que Abraão passou a não possuir nada. Todavia, esse homem pobre não se tornou rico? Tudo quanto antes possuía, continuava à sua disposição, para que dele desfrutasse: ovelhas, camelos, rebanhos e bens de toda espécie. Também tinha sua esposa e seus amigos, e, melhor que tudo, tinha seu filho, Isaque, ao seu lado, em

plena segurança. Tinha tudo, mas *nada possuía*. Eis aí o segredo do espírito. Eis aí um confortante princípio do coração, que só pode ser aprendido na escola da renúncia. Os livros e compêndios de teologia esquecem-se disso, mas um coração sábio entende perfeitamente.

Após aquela experiência amarga, mas abençoada, penso que as palavras “meu” e “minha” jamais tiveram novamente o mesmo sentido para Abraão. O sentimento de posse que elas denotam, deve ter se dissipado de seu coração. As coisas haviam sido expulsas dali para sempre. Agora tinham se tornado externas para aquele homem. Seu coração ficou livre delas. O mundo dizia: “Abraão é rico”, mas o idoso patriarca somente sorria. Não podia explicar-lhes a realidade, mas sabia que de fato nada possuía, e que seus verdadeiros tesouros eram celestiais e eternos.

Não há dúvida de que esse apego possessivo às coisas é um dos hábitos mais daninhos da vida. Por ser ele tão natural e generalizado, raramente é reconhecido como um mal, todavia, seus efeitos são realmente trágicos.

Muitas vezes temos reservas quanto a entregar nossos tesouros ao Senhor, por temer pela segurança dos mesmos, principalmente quando esses tesouros são nossos parentes ou amigos muito amados. Todavia, não precisaríamos ter medo. O Senhor Jesus não veio para destruir, mas para salvar. Tudo quanto for entregue a ele, fica em perfeita segurança, pois, na realidade, nada está garantido enquanto não for entregue a ele.

Todos os nossos dons e talentos também deveriam ser-lhe entregues. Deveríamos considerá-los o que de fato são: empréstimos que Deus nos faz; e nunca propriedade nossa. Não temos nenhum direito de reivindicar os méritos dessas habilidades especiais, tanto quanto não teríamos de reivindicar os de nossas qualidades físicas. “Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido?” (1 Co 4.7.)

O crente que está despertado o suficiente para conhecer a si mesmo, ainda que seja apenas superficialmente, reconhecerá os sintomas dessa enfermidade — o sentimento de posse — e se entristecerá, se notar sua presença em seu

próprio coração. E então, se sua "fome" de Deus for suficientemente forte, certamente ele vai procurar resolver esse problema. O que esse crente deve fazer?

Em primeiro lugar, deveria pôr de lado todas as reservas sem procurar qualquer desculpa para seus erros, seja perante seus próprios olhos, ou perante o Senhor. Quem defende a si mesmo terá por defensor apenas sua própria pessoa, e ninguém mais. Venha sem reservas, à presença do Senhor e terá como defensor nada menos que o próprio Deus. O crente deve examinar a si mesmo, e calcar aos pés todos os ardis e enganos de seu coração, e esforçar-se para ter um relacionamento franco e honesto com o Senhor.

Além disso, deve lembrar-se de que esse assunto é muito sério. Não basta uma busca casual e negligente. O homem tem que aproximar-se de Deus completamente resolvido a ser ouvido, e fazer questão absoluta de que Deus aceite sua entrega total, que retire de seu coração todas as coisas, a fim de que ele mesmo reine ali soberanamente. Talvez seja-lhe necessário ser bem específico dando a cada coisa e pessoa seu verdadeiro nome, uma por uma. Se sua entrega for completa, poderá abreviar o tempo de sua luta íntima, de muitos anos para poucos minutos, entrando na terra prometida muito antes dos crentes mais lentos, que afagam seus sentimentos e se mostram mais reservados em seu trato com o Senhor.

Nunca devemos nos esquecer de que verdades como essas jamais poderão ser aprendidas apenas com a mente, como acontece com os fatos da ciência física. Temos que conhecê-las *experimentalmente*, para que possamos realmente compreendê-las. Precisamos viver as duras e amargas experiências de Abraão, se desejamos conhecer também as bênçãos que as seguiram. A velha maldição não pode ser retirada sem dor; o velho homem, obstinado e mesquinho que vive dentro de nós, não se curvará nem se renderá em obediência à nossa ordem. É preciso que ele seja arrancado do coração, como uma planta é arrancada do solo; e ele só pode ser extraído com dor e sofrimento, como se extrai um dente. Só pode ser expulso de nossa alma com violência, da mesma forma que Cristo expulsou do templo de Jerusalém os cambistas e vendedores de pombas. Portanto,

é necessário que cerremos o coração aos clamores e queixumes do velho homem, reconhecendo que eles têm origem na autopiedade, que é um dos piores pecados do coração humano.

Se queremos de fato conhecer a Deus em crescente intimidade, precisamos palmilhar o caminho da renúncia. E, se estamos resolvidos a andar à procura de Deus, mais cedo ou mais tarde ele nos submeterá a um teste. O teste pelo qual Abraão passou, no momento em que aconteceu, não foi reconhecido como tal; não obstante, se houvesse tomado um curso diferente daquele que tomou, toda a história do Velho Testamento teria sido diferente. Sem dúvida, Deus teria encontrado outro homem, mas a perda que Abraão sofreria teria sido trágica. Assim também, nós, um por um, seremos levados a enfrentar um teste, muitas vezes sem sabermos que estamos sendo provados. Neste teste não encontraremos dezenas de opções para nossa escolha, mas somente uma, e sua alternativa. E todo o nosso futuro dependerá da escolha que fizermos.

Pai, desejo conhecer-te, mas meu coração covarde teme desistir de seus brinquedos. Não posso desfazer-me deles sem sangrar por dentro, e não procuro esconder de ti o terror da separação. Venho tremendo, mas venho. Por favor, extirpa do meu coração todas aquelas coisas que estou amando há tanto tempo, e que se têm tornado parte integrante deste "viver para mim mesmo", a fim de que tu possas entrar e habitar ali sem qualquer rival. Então tornarás glorioso o estrado dos teus pés. Meu coração não terá mais necessidade da luz do sol, porquanto tu mesmo serás o seu sol iluminador, e ali não haverá mais noite. Em nome de Jesus. Amém.

CAPÍTULO 3

REMOVENDO O VÉU

Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus... (Hb 10.19.)

Entre as declarações famosas dos pais da Igreja, nenhuma é mais conhecida que a seguinte frase de Agostinho: “Formaste-nos para ti e nossos corações não terão sossego enquanto não encontrarem descanso em ti.”

Esse grande santo do passado nos dá, em poucas palavras a origem e a descrição interior da natureza humana. Deus nos fez para si! Essa é a única explicação que satisfaz a *coração* de qualquer homem racional, não importa o quão diga sua razão mal orientada. Se uma educação defeituosa ou um raciocínio deturpado levarem um homem a pensar diferentemente, não há quase nada que um cristão possa fazer em seu favor. Para tal pessoa eu não tenho mensagem. Meu apelo é lançado àqueles que já aprenderam isto sozinhos, instruídos pela sabedoria que vem de Deus; dirijo-me a corações sedentos, cujo anseio foi despertado pelo toque divino, de modo que não necessitam das provas da razão. Esta intranquilidade interior é toda a prova de que precisam.

Deus nos criou para si. O *Catecismo Abreviado*, “Preparado pela Augusta Assembléia de Reverendos, em Westminster”, conforme dizia a antiga “Cartilha da Nova Inglaterra”, lança as antigas perguntas — Quê? e Por quê? — e responde-as com uma frase dificilmente igualada na literatura evangélica. “Pergunta: Qual é a principal finalidade do homem? Resposta: A principal finalidade do homem é glorificar a Deus e gozar de comunhão com ele para sempre.” Com isso concordam os vinte e quatro anciãos que se prostrarão de rosto em terra para adorar

aquele que está vivo para todo o sempre, dizendo: “Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as cousas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas” (Ap 4.11).

Deus nos criou para seu prazer, e nos formou de modo que nós juntamente com ele, possamos, em divina comunhão, usufruir daquela doce e misteriosa união de personalidades gêmeas. Sua finalidade foi que o víssemos e vivêssemos com ele, captando a vida de seu olhar. Nós, porém, participamos daquela “revolta horrenda” a que se refere Milton, ao descrever a rebeldia de Satanás e suas hostes. Rompemos com Deus. Deixamos de obedecê-lo e amá-lo, e, por nos sentirmos culpados e temerosos, estamos sempre fugindo da sua presença.

Todavia, quem pode fugir da presença de Deus, quando o céu e até os céus dos céus não podem contê-lo? quando, conforme testifica a sabedoria de Salomão, “o Espírito do Senhor enche o mundo”? A onipresença do Senhor é uma verdade, um atributo da sua perfeição; sua presença manifesta é outra, inteiramente diferente, e dessa presença é que temos fugido, à semelhança de Adão, ocultando-nos entre as árvores do jardim, ou como Pedro, que recuou protestando: “Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador.” (Lc 5.8.)

Portanto, a vida do homem, na face da terra, é distante da presença do Senhor, separada da “fonte bendita”, que é seu verdadeiro lugar de habitação, o primitivo estado que não manteve, a posição perdida, a causa da sua incessante intranquilidade.

Toda a obra de Deus, na redenção, tem por finalidade desfazer as trágicas consequências dessa calamitosa rebelião, levando-nos de volta a um relacionamento correto e eterno com ele. Isso exigia que o problema do nosso pecado fosse resolvido de modo a satisfazer a justiça, para que pudéssemos ser plenamente reconciliados, e nos fosse aberto o caminho para voltarmos a uma comunhão consistente com Deus, a fim de vivermos novamente em sua presença. Assim, através da atuação do Espírito Santo em nosso íntimo, Deus desperta em nós o desejo de voltar para ele. Isso se faz sentir inicialmente pela falta de

paz em nosso coração, o qual passa a experimentar um profundo anseio pela presença de Deus, e então dizemos a nós mesmos: “Levantar-me-ei e irei ter com meu pai.” (Lc 15.18.) Esse é o primeiro passo, e conforme disse o sábio chinês Lao-tzé: “Uma viagem de mil milhas começa com o primeiro passo.”

O processo de retorno da alma, dos áridos desertos do pecado para a presença de Deus, é representado de maneira sublime no tabernáculo do Velho Testamento. O pecador entrava primeiramente no átrio exterior, onde oferecia o sacrifício com o sangue sobre o altar de bronze, e se lavava em um grande vaso que ficava nas proximidades. Depois, transpondo o véu, chegava ao lugar santo, onde nenhuma luz natural penetrava, mas era iluminado suavemente pelo candeieiro de ouro — simbolizando Jesus, a Luz do mundo. Também havia a mesa dos pães da proposição que tipificava o Pão da vida, em Jesus, e ainda o altar do incenso, uma figura da oração incessante.

Até esse ponto o adorador já havia então desfrutado de várias coisas, contudo, ainda não chegara realmente à presença de Deus. Outro véu separava-o do Santo dos Santos, onde, acima do propiciatório, habitava o próprio Deus, em gloriosa manifestação. Enquanto perdurou o tabernáculo, somente o sumo sacerdote podia ali entrar, e isso apenas uma vez por ano, com sangue que oferecia pelos seus próprios pecados e pelos do povo. Foi justamente esse último véu que se rasgou de alto a baixo, quando Jesus rendeu o espírito no Calvário, e o escritor sagrado explica que esse fato abriu o caminho, para que qualquer homem pudesse aproximar-se da presença divina mediante o novo e vivo caminho, o Senhor Jesus.

No Novo Testamento tudo está de conformidade com essa figura do Velho Testamento. Os homens redimidos não precisam mais ficar parados à entrada do Santo dos Santos com receio de ali ingressar. *Deus quer que cheguemos ousadamente à sua presença, e nela vivamos para sempre.* E essa verdade é para ser experimentada por nós de maneira consciente. É mais do que uma simples doutrina a ser mantida; é uma vida que precisa ser desfrutada a cada momento, de cada dia.

Esse fulgor da presença de Deus era a vida da ordem levítica. Sem ele, todos os demais objetos do tabernáculo seriam como caracteres de uma língua desconhecida; não teriam sentido nem para Israel nem para nós. O aspecto mais importante do tabernáculo era que *Jeová estava ali* — sua presença os aguardava do outro lado do véu. A presença de Deus é também a verdade central do cristianismo. No âmago da mensagem cristã encontra-se o próprio Deus, esperando que seus filhos redimidos se acheguem a ele, e tenham uma consciência vívida de sua presença. Hoje em dia, grande parte da cristandade só conhece essa presença teoricamente; desconhecem o privilégio dessa bênção dos filhos de Deus. Segundo pensam, pela sua própria posição doutrinária, o crente já está na presença de Deus. Nada dizem, entretanto, acerca da necessidade de experimentar essa presença na vida diária. O ímpeto arrebatador que impelia homens como McCheyne está completamente ausente. A grande maioria dos cristãos da nossa geração está vivendo neste nível de pobreza espiritual. O conformismo toma o lugar do zelo. Satisfazemo-nos com nossas possessões *judiciais*, e geralmente nos preocupamos muito pouco com o fato de não termos uma experiência pessoal.

Quem é este que habita no interior do véu e se manifesta como chama ardente? Não é outro senão o próprio Deus, “Um Deus, Pai todo-poderoso, criador do Céu e da terra, e de todas as coisas visíveis e invisíveis”, e “um Senhor, Jesus Cristo, unigênito filho de Deus; gerado pelo Pai antes de todos os séculos, Deus de Deus, Luz da Luz, Verdadeiro Deus de verdadeiro Deus; gerado, não feito; de uma só substância com o Pai” e o “Espírito Santo, Senhor e vivificador que procede do Pai, que com o Pai e o Filho conjuntamente é adorado e glorificado”. Contudo, essa santa trindade é um Deus, porquanto “adoramos um Deus trino, e uma trindade em um só, não ficando confundidas as pessoas, nem dividida a substância. Porquanto há uma pessoa do Pai, outra do Filho, e outra do Espírito Santo. Mas a divindade do Pai, do Filho e do Espírito, é uma só: a glória é idêntica e a majestade

é co-eterna." Assim dizem, em parte, os credos antigos; e assim declara a Palavra de Deus.

Além do véu, encontra-se Deus, aquele Deus a quem o mundo, com estranha volubildade, tem procurado às cegas para que porventura "o possam achar" (At 17.27). Até certo ponto Deus se deixa revelar na natureza, mas sua revelação mais perfeita é a da encarnação; e agora espera poder mostrar-se na mais completa plenitude para os humildes de espírito e para os puros de coração.

O mundo está perecendo por não conhecer a Deus, e a Igreja padece fome espiritual por não contar com a sua presença. A maioria de nossos males religiosos seria curada instantaneamente se entrássemos na presença divina, em autêntica experiência espiritual, tornando-nos subitamente cômicos de que estamos em Deus e de que Deus está em nós. Isso nos tiraria de nossa lamentável estreiteza de espírito, e expandiria os nossos corações. Consumiria no fogo as impurezas existentes em nossa vida, como os insetos e os fungos da sarça ardente foram queimados pelo fogo que nela crepitava.

Que grandeza infinita, e que oceano inexplorado é o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele é *eterno*, o que significa que antecede o tempo e vive inteiramente independente do mesmo. O tempo começou com ele, e com ele terminará. Deus não paga tributo ao tempo, nem dele sofre qualquer variação. Ele é *imutável*, o que quer dizer que ele nunca mudou nem jamais poderá mudar em coisa alguma. Para mudar, teria que piorar, ou melhorar. Mas não pode fazer nem uma nem outra coisa, pois, sendo perfeito, não pode tornar-se mais perfeito ainda, e se tivesse de tornar-se menos perfeito, seria menos que Deus. Ele é *onisciente*, o que equivale a dizer que conhece, com um ato livre e sem esforço, toda a matéria, todo o espírito, todas as relações e todos os acontecimentos. Ele não tem passado, nem futuro. Ele é, e nenhum dos termos qualificadores, limitadores, usados acerca das criaturas, aplica-se a ele. Dele são o *amor*, a *misericórdia* e a *justiça*, e uma *santidade* tão inefável que nenhuma comparação ou figura pode expressar. Somente o fogo fornece uma pálida idéia de sua santidade. Foi em chamas de fogo que ele apareceu

na sarça ardente; na coluna de fogo ele habitou durante a longa jornada pelo deserto. O fogo que brilhava entre as asas dos querubins, no Santo dos Santos, era chamado de "glória" da presença divina, durante todos os anos de glória da História de Israel; e, quando o Antigo cedeu lugar ao Novo, ele veio, no Pentecoste, em forma de línguas de fogo, cada uma das quais pousou sobre um discípulo.

Spinoza escreveu acerca de amar a Deus intelectualmente, e existe um pouco de verdade no que ele disse; mas o amor mais excelente do homem para Deus não é o intelectual, e, sim, o espiritual. Deus é Espírito, e só o espírito do homem pode realmente conhecê-lo. No mais profundo do espírito do homem deve crepitar a chama desse amor, pois do contrário não existirá ali um verdadeiro amor a Deus. Os grandes do reino de Deus têm sido aqueles que amam a Deus mais do que os outros. Todos sabemos quem são eles, e lhes prestamos tributo com satisfação, devido à intensidade e sinceridade de sua devoção ao Senhor. Se apenas pensarmos em seus nomes, a lembrança nos evocará perfumes como mirra, aloés e cássia, vindos de palácios de marfim.

Frederick Faber foi um homem cuja alma suspirava por Deus como a corça suspira pelas correntes das águas, e à medida que o Senhor se revelava mais e mais ao seu coração sedento, toda a sua vida ia sendo abrasada pela adoração, rivalizando até com os próprios serafins que estão perante o trono celestial. Seu amor a Deus se estendia igualmente às três pessoas da Trindade, mas parecia dedicar a cada uma delas um tipo especial de amor.

Seu amor à pessoa de Cristo era tão intenso que parecia consumi-lo; incendiava-o por dentro como uma loucura doce e santa, e brotava de seus lábios como ouro derretido. Em um de seus sermões, afirmou: "Para onde quer que nos voltemos, dentro da Igreja de Deus, ali está Jesus. Ele é o princípio, o meio e o fim de tudo, para nós . . . Nada há de bom, de santo, de belo, de jubiloso, que ele não seja para os seus servos. Nenhum de nós precisa ser pobre, porque, se assim o desejar, pode ter a Jesus como sua possessão. Ninguém precisa ser um pária, pois Jesus é a alegria celeste, e regozija-se em ter comunhão com corações que sofrem. Podemos nos exceder em muitas coisas; mas nunca chegare-

mos a saldar nossa dívida para com o Senhor. Podemos passar toda a vida falando sobre Jesus, e ainda assim jamais conseguiremos esgotar todas as coisas maravilhosas que podem ser ditas a respeito dele. A eternidade não é suficientemente longa para aprendermos tudo sobre ele, nem para adorá-lo por tudo quanto tem feito, mas, enfim, isso não importa; pois estaremos para sempre com ele, e nada mais desejamos.”

O ardente amor de Faber alcançava também o Espírito Santo. Não apenas reconheceu a divindade do Espírito, e sua perfeita igualdade ao Pai e ao Filho, mas também anunciava isso constantemente em seus cânticos e orações. Prostrava-se de rosto em terra, em fervorosa e sincera adoração à terceira pessoa da Trindade.

Com este exemplo, o que tenho para dizer é que Deus é tão grandemente maravilhoso, tão completamente aprazível que pode, sem ajuda de qualquer outra coisa além de si mesmo, satisfazer e até mesmo exceder às mais profundas exigências de nossa natureza, embora esta seja misteriosa e profunda. A adoração que Faber conhecia de experiência (e seu nome é apenas um entre muitos que ninguém pode enumerar) jamais será experimentada por nós se a buscarmos apenas através do conhecimento doutrinário de Deus. Os corações que “estão cheios de amor a Deus são os que se demoram na presença divina e contemplam de olhos bem abertos e atentos a majestade do Senhor. Os homens cujo coração abriga tal amor, possuem uma qualidade especial que os torna desconhecidos ou incompreendidos pelos outros. Geralmente, falam com grande autoridade espiritual. Tendo estado na presença de Deus, anunciam o que viram ali. Eles têm sido profetas, e não escribas, pois o escriba fala do que leu, mas o profeta fala do que viu.

Essa distinção não é artificial. Entre o escriba, que lê, e o profeta, que vê, há uma diferença tão vasta quanto o mar. Em nossos dias abundam os escribas ortodoxos; mas os profetas... onde estão eles? A voz dura do escriba fala de princípios e leis, mas a Igreja espera pela voz terna do santo que penetrou além do véu e contemplou com os olhos da alma a grandeza de Deus. Lembremo-nos, porém, de que, penetrar além do véu e reivindicar uma experiência sensível

e viva com a presença do Senhor, é um privilégio outorgado a todos os filhos de Deus.

Uma vez tendo sido removido o véu, com a morte de Jesus, e nada mais restando, da parte de Deus, que possa impedir-nos a entrada, por que nos demoramos ainda do lado de fora? Por que consentimos em habitar todos os dias de nossa existência do lado de fora do Santo dos Santos, e nunca penetramos ali para contemplar a Deus? Ouvimos o Noivo dizer: “Mostra-me o teu rosto, faz-me ouvir a tua voz, porque a tua voz é doce, e o teu rosto amável” (Ct 2.14). Sentimos que o chamado é para nós; e contudo, não queremos nos aproximar, e os anos se passam, e envelhecemos, e ficamos exaustos nos átrios exteriores do tabernáculo. O que nos impede de entrar?

A resposta que geralmente se ouve, de que simplesmente estamos “frios”, não esclarece os fatos. Há algo que é muito mais sério do que a frieza de coração; algo que pode estar por baixo dessa frieza e que talvez seja a sua causa. O que é? Que poderia ser senão a presença de *um véu em nossos corações*? um véu que não foi retirado com o primeiro, mas que continua ali, barrando o caminho da luz e escondendo de nós a face de Deus? Trata-se do véu de nossa antiga e decaída natureza, que continua bem viva, em nosso íntimo, sem ser condenada, sem haver passado ainda pela crucificação e pelo repúdio total. Trata-se do véu compacto de uma vida egocêntrica, que nunca quisemos realmente reconhecer como tal, da qual intimamente nos sentimos envergonhados, e por isso mesmo nunca a trazemos perante o tribunal da cruz. Esse véu escuro não é por demais misterioso, nem é difícil de ser identificado. Temos tão-somente de sondar nosso próprio coração, e o acharemos ali; costurado, remendado e consertado, talvez, mas sempre presente — um inimigo de nossa vida, um verdadeiro obstáculo no caminho de nosso crescimento espiritual.

Sei que esse véu não é nada bonito, nem tampouco nos agrada falar a respeito dele. Dirijo-me, porém, às almas sedentas que estão resolvidas a seguir a Deus, e creio que elas não retrocederão, somente porque o caminho temporariamente as levará por montes sombrios. O seu anseio por Deus afirma que continuarão à procura do Senhor. Enfren-

tarão os fatos, por mais desagradáveis que sejam, e suportarão a cruz em face da alegria que lhes está proposta. Por isso, animo-me a apontar os fios que formam a textura desse véu da alma.

Esse véu escuro foi tecido com os fios sutis da vida ego-cêntrica e dos pecados do espírito humano, que sempre se manifestam conjuntamente. Não se trata de algo que fazemos, e, sim, daquilo que *somos*, e é justamente nisso que residem tanto a sua sutileza como a sua força.

Falando de maneira mais específica, os pecados do “eu” são: justiça própria, autocompaixão, autoconfiança, auto-suficiência, auto-admiração, amor-próprio, e todo um exército de outros defeitos da personalidade, semelhantes a esses. Esses pecados se estabelecem no íntimo do nosso ser, e são parte integrante de nossa natureza, e de tal maneira que só temos consciência deles quando a luz de Deus incide sobre eles. As mais graves manifestações desses pecados — o egocentrismo, o exibicionismo, a autopromoção — são estranhamente toleradas em líderes evangélicos até mesmo de círculos impecavelmente ortodoxos. De fato, são pecados que têm recebido tal evidência que muitos chegam a identificá-los com o evangelho. Espero não estar fazendo uma observação cínica quando afirmo que, em nossos dias, eles parecem ser um requisito para a popularidade de alguém, em certos círculos da Igreja visível. A autopromoção, à guisa de se fazer promoção de Cristo, atualmente é algo tão comum que nem mais chama a atenção.

Seria de se supor que o fato de conhecermos devidamente as doutrinas da depravação humana e da justificação pelos méritos de Cristo, por si só, seria suficiente para libertar-nos do poder dos pecados do ego; mas esse conhecimento não produz o efeito esperado. O nosso “ego” continua inabalável a reinar no trono do nosso coração. Ele pode até ver o Cordeiro imolado, que mesmo assim não se deixa abalar. Pode combater pela fé evangélica e pregar com eloquência a salvação mediante a graça, mas isso só lhe aumenta as forças. Para dizer a verdade, parece que se fortalece na doutrina, e sente-se mais à vontade em uma igreja do que em um bar. Nosso próprio desejo de buscar a Deus pode

fornecer-lhe condições excelentes para que cresça e se desenvolva.

O “ego” é o véu sombrio que oculta de nós a face de Deus. Só pode ser removido através de uma experiência do espírito; nunca por meio de instrução intelectual. Seria como tentar expelir do corpo a lepra, por meio de instruções médicas. É necessária uma operação de extermínio, realizada por Deus, para que sejamos libertados. Devemos deixar que a cruz realize sua obra mortificadora em nosso íntimo. É mister que levemos à cruz os nossos pecados de egocentrismo. Devemos preparar-nos para sofrer uma prova semelhante, de certo modo, à experiência pela qual passou o nosso Salvador, quando se achava na presença de Pôncio Pilatos.

Não esqueçamos isto: quando se fala em rasgar o véu, fala-se figuradamente, e a idéia se nos torna poética e quase agradável; em realidade, entretanto, nada há de agradável nisso. Na experiência humana, esse véu é feito de um tecido espiritual vivo; compõe-se da substância sensível que também permeia todo o nosso ser, e tocar no mesmo é tocar em nosso ponto mais doloroso. Rasgá-lo, é despedaçar-nos, é ferir-nos e fazer-nos sangrar. Falar de modo diferente é fazer com que a cruz nem seja cruz, que a morte nem morte seja. Nunca foi divertido morrer. Despedaçar o tecido delicado e suscetível de que consiste a vida, jamais poderá dar-nos outra sensação que não a de dor aguda e profunda. Não obstante, foi justamente isso que a cruz fez a Jesus, e é o que a cruz fará a todo o filho de Deus, que quiser ser liberto do “eu”.

Tenhamos o cuidado de não subestimar a importância da vida espiritual, achando que nós mesmos podemos rasgar o véu. Deus é quem deve fazer tudo em nosso lugar. Nossa parte consiste em ceder e confiar. É necessário que confessemos, abandonemos e repudiemos uma vida autodirigida, e passemos a considerá-la crucificada. Urge, entretanto, distinguir entre uma “aceitação” ociosa e uma verdadeira operação de Deus. Devemos perseverar até que a obra seja realizada. Não ousemos nos contentar com uma doutrina certinha de autocrucificação. Isso seria imitar a Saul, que poupou as melhores ovelhas e vitelas.

Lutemos para que a obra seja realmente efetuada, e assim sucederá. A cruz é rude e mortal, mas também é eficaz. Não conserva sua vítima ali dependurada para sempre. Chega o momento em que sua obra termina, e a vítima morre. Após isso vem a ressurreição, em glória e poder, e a dor é esquecida em face da alegria de haver sido removido o véu, e de termos, numa experiência real do espírito, chegado até à presença do Deus vivo.

Senhor, quão excelentes são os teus caminhos, e quão enganosos e tenebrosos são os caminhos do homem. Mostra-nos como se morre, para que ressuscitemos em novidade de vida. Rompe o véu de nossa vida própria, de alto a baixo, como fizeste ao véu do templo; queremos chegar perto de ti, em plena certeza de fé; desejamos habitar contigo na vida diária, neste mundo, a fim de que estejamos habituados à glória, quando penetrarmos em teu céu, para contigo habitar para sempre. Em nome de Jesus. Amém.

CAPÍTULO 4

SENTINDO A REALIDADE DE DEUS

Oh! provai, e vede . . . (Sl 34.8.)

Foi Canon Holmes, da Índia, que há mais de vinte e cinco anos chamou nossa atenção para o caráter deducional da fé que os homens em geral têm em Deus. Para a maioria das pessoas, Deus existe apenas na intuição, e não em realidade. É uma dedução tirada de evidências que consideram adequadas. Contudo, ele permanece sendo um desconhecido para o indivíduo. E dizem: "Ele *deve* existir; portanto, acredito que ele existe." Outros nem ao menos chegam a esse ponto; sabem dele apenas por ouvir dizer. Nunca se incomodaram em refletir pessoalmente sobre a questão, mas já ouviram outros falarem a respeito dele, e no fundo da mente aceitaram essa crença nele, juntamente com as outras crenças que compõem a totalidade de seu credo. Para outros, Deus é apenas um ideal, apenas um outro nome dado à bondade, ou à beleza, ou à verdade, ou ainda, à própria lei, à vida, ou ao impulso criador que dá origem a todos os fenômenos da existência.

Essas noções acerca de Deus são muitas e variadas, mas todos os que as defendem têm uma coisa em comum: não conhecem a Deus através de uma experiência pessoal. A possibilidade de um contato íntimo e familiar com ele jamais passou por suas mentes. Apesar de admitirem a sua existência, não pensam nele como alguém que pode ser conhecido, da mesma forma que conhecemos as pessoas ou as coisas.

Os crentes, por certo, vão bem além disso, pelo menos em teoria. A doutrina cristã ensina-os a crer na personali-

dade de Deus. Além do mais, aprenderam também a orar: "Pai nosso, que estás nos céus." Ora, os conceitos de personalidade e paternidade trazem em si mesmos a idéia da possibilidade de familiaridade pessoal. Isso é reconhecido em teoria; mas há milhões de cristãos professos para quem Deus não é mais real do que é para os não-cristãos. Esses cristãos nominais passam a vida tentando amar um ideal e ser leais a um príncípio.

Apesar dessa nuvem espessa e nebulosa, porém, existe um ensino bíblico, bem claro, de que Deus pode ser conhecido em experiência pessoal. Como perfume entre as árvores do jardim do Éden era a presença de Deus no paraíso. Assim também a sua personalidade cheia de amor permeia toda a Bíblia, deixando em cada página uma doce fragrância. É sempre uma pessoa viva, presente, a falar, rogar, amar, agir e manifestar-se, onde quer que seu povo tenha tido a receptividade necessária para acolher essa manifestação.

A Bíblia considera mais do que evidente o fato de que os homens podem conhecer a Deus com a mesma familiaridade que conhecem outras pessoas ou coisas, com que tenham contato. Os mesmos termos usados para expressar o conhecimento das coisas físicas são usados para expressar o conhecimento de Deus. "Oh! *provai*, e vede que o Senhor é bom." (Sl 34.8.) "Todas as tuas vestes *rescendem* a mirra, aloés e cássia." (Sl 45.8.) "As minhas ovelhas *ouvem* a minha voz." (Jo 10.27.) "Bem-aventurados os limpos de coração porque *verão* a Deus." (Mt 5.8.) Estas são apenas quatro dentre as incontáveis passagens da Palavra de Deus que mostram isso. E, mais importante do que a existência de textos que comprovam isto, é o fato de que toda a doutrina bíblica leva-nos a crer assim.

Que pode significar tudo isso, senão que em nosso coração possuímos faculdades por intermédio das quais podemos conhecer a Deus tão bem como conhecemos as coisas materiais, através dos cinco sentidos? Mantemos contato com o mundo físico exercitando as faculdades que nos foram outorgadas para esse propósito. Assim também, possuímos faculdades espirituais mediante as

quais podemos conhecer a Deus e ao mundo espiritual se quisermos obedecer ao apelo do Espírito, e passarmos a utilizá-las.

É ponto pacífico que primeiro é mister seja efetuada em nosso coração uma operação salvadora. As faculdades espirituais do homem não regenerado jazem adormecidas em sua própria natureza, sem utilização, e por isso mesmo, mortas. Foi o golpe que caiu sobre todos nós, por causa do pecado. Entretanto, tais faculdades podem ser reavivadas, mediante a atuação do Espírito Santo, quando da regeneração; esse é um dos benefícios incomensuráveis que passam a ser nossos por meio da morte expiatória de Cristo, no Calvário.

Mas, e os filhos de Deus, já redimidos . . . por que razão conhecem tão pouco daquela comunhão consciente com Deus, de que as Escrituras falam de maneira tão clara? A resposta para essa pergunta é a nossa incredulidade crônica. A fé capacita nossos sentidos espirituais a funcionar. Mas, sempre que a fé é defeituosa, o resultado será a insensibilidade, ou, pelo menos, o amortecimento de nosso espírito para com as realidades espirituais. Essa é a situação em que se encontra um grande número dos crentes de hoje. Nem é preciso provar o que dizemos. Basta conversar com o primeiro com quem nos encontrarmos casualmente, ou então entrar no primeiro templo evangélico que acharmos de portas abertas, para que obtenhamos toda a prova necessária.

Existe à nossa volta todo um reino espiritual, cercandonos, envolvendo-nos, bem ao alcance do nosso espírito, esperando que o reconheçamos. O próprio Deus espera pela nossa aceitação de sua presença. Esse mundo infinito se tornará real para nós a partir do momento em que começarmos a levar em conta a sua realidade.

Acabo de empregar duas palavras que exigem definição; ou, se essa definição for impossível, pelo menos convém que esclareça o que pretendo dizer ao empregá-las. São os termos "levar em conta" e "realidade".

O que entendo por "realidade"? Por "realidade" entendo aquilo que existe à parte de qualquer idéia que qualquer mente possa ter a seu respeito, e que continuaria

existindo ainda que nenhuma mente, em parte alguma, pensasse sobre ela. Aquilo que é real existe por si mesmo. Não depende de nenhum observador para ter validade.

Tenho consciência de que existem aqueles que gostam de zombar da idéia natural do homem sobre a realidade. Esses são os idealistas que tecem argumentos intermináveis, procurando provar que nada é real fora da mente. São os relativistas que gostam de mostrar que não há pontos fixos no universo de onde possamos começar a medir qualquer coisa. Sorriem de nós, complacentes, do alto da sua intelectualidade, e se satisfazem em tachar-nos com o termo desprezível de "absolutistas". Todavia, o crente não deve se aborrecer com essa demonstração de desprezo. Deve sorrir diante disso, porque sabe que só existe um que é absoluto, o qual é Deus. Mas também sabe que o Deus absoluto criou este mundo para ser usado pelo homem, e, apesar de nada ser fixo nem real, na verdadeira expressão destas palavras (quando aplicadas a Deus), *para todo o propósito da vida humana, nos é permitido agir como se assim fosse*. E todo indivíduo reage dessa maneira, exceto quando está mentalmente enfermo. Esses infelizes também têm dificuldades com a realidade, mas pelo menos são coerentes — ou seja, insistem em viver de conformidade com a idéia que formam das coisas. São honestos, e é sua honestidade que os torna um problema social.

Os idealistas e relativistas não são pessoas mentalmente enfermas. Provam sua sanidade mental vivendo de conformidade com as próprias noções de realidade a que teoricamente repudiam, e dependendo de coisas que insistem em dizer que não existem. Seriam muito mais respeitados ao apresentarem suas noções, se estivessem dispostos a viver de acordo com elas; mas isso eles têm o cuidado de não fazer. Suas idéias estão arraigadas apenas no intelecto, e não se manifestam em sua vida cotidiana. Sempre que a vida exige, repudiam suas teorias e vivem como os demais homens.

Os crentes regenerados são por demais sinceros para acolher uma idéia apenas por ela própria. Também não se dão ao prazer de ficar tecendo um emaranhado de idéias,

por simples exibicionismo. Todos os seus pensamentos são práticos. E são manifestos em suas vidas. Por eles, vivem ou morrem, ficam de pé ou caem, tanto no que diz respeito a este mundo como também ao mundo vindouro. Por isso, evitam os insinceros.

O homem simples e sincero sabe que o mundo é real. Encontra-o ali quando desperta para a consciência, e sabe que as coisas não vieram a existir somente porque pensou nelas. Já estavam aqui, quando ele nasceu, e sabe que, quando se preparar para partir deste palco terreno, elas continuarão aqui, dando-lhe um último adeus. Por sua profunda sabedoria da vida, é mais sábio que mil homens em dúvida. Põe-se de pé sobre a face da terra e sente o vento e a chuva em seu rosto, sabendo que essas coisas são reais. Vê o sol de dia e as estrelas à noite; percebe o corisco que risca as trevas quando cai a tempestade. Ouve os ruídos da natureza e os clamores da alegria ou da dor humanas. Sabe que todas essas coisas são bem reais. Deita-se na terra fresca, à noite, e não teme que ela desapareça de debaixo dele quando estiver adormecido. Pela manhã sabe que a terra estará firme sob os seus pés, que o céu azul estender-se-á acima de sua cabeça, e que as rochas e as árvores continuarão à sua volta, como quando fechou os olhos para dormir, na noite anterior. E assim vive e se regozija em um mundo de realidades.

Com os cinco sentidos, entra em contato com este mundo. Apreende, mediante suas faculdades, todas as coisas necessárias à sua existência física, pois Deus mesmo o equipou com essas faculdades, e o colocou nesse mundo.

Ora, segundo a nossa definição, Deus também é real. Ele é real no sentido máximo e absoluto do termo, de modo que nada é tão real quanto ele. Todas as demais realidades dependem dele. A grande realidade é Deus, que é o autor da realidade inferior e dependente, de que se compõe a soma de todas as coisas criadas, inclusive nós mesmos. Deus possui existência objetiva e independente de quaisquer noções que porventura tenhamos acerca dele. O coração que o adora não cria o objeto dessa adoração.

Já o encontra aqui, quando, pela regeneração, desperta de seu sono moral.

O outro termo que precisa ser esclarecido é “levar em conta”. Essa expressão não significa imaginar ou visualizar. Imaginação não é fé. Estes dois conceitos não são apenas diferentes entre si — são diametralmente opostos. A imaginação fabrica imagens irreais, tirando-as da mente, e tenta envolvê-las em realidade. A fé, pelo contrário, nada cria; tão-somente “leva em conta” aquilo que já existe.

Deus e o mundo espiritual são reais. Podemos aceitá-los com tanta certeza como aceitamos este nosso mundo material em que vivemos. As coisas espirituais estão bem presentes aqui, exigindo nossa atenção e desafiando-nos a que depositemos nelas toda a nossa confiança.

Nossa grande dificuldade é que já cristalizamos hábitos de pensamentos defeituosos. Habitualmente pensamos no mundo visível como sendo real, e duvidamos da realidade de qualquer outro mundo. Não negamos a existência do mundo espiritual, mas duvidamos que seja real no sentido em que entendemos esta palavra.

O mundo dos sentidos destaca-se diante de nós, dia e noite, durante toda nossa existência terrena. É um mundo barulhento, insistente, autopromotor. Não faz nenhum apelo à nossa fé; está aqui, apelando aos nossos cinco sentidos, exigindo ser aceito como real e único. E o pecado obscureceu de tal modo o nosso coração, que não mais podemos entrever aquela outra realidade, a cidade de Deus, que está ao nosso redor. Assim domina em nós o mundo dos sentidos. O visível torna-se inimigo do invisível; o temporal, do que é eterno. Essa maldição foi herdada por todos os membros da infeliz raça de Adão.

No próprio cerne da vida cristã existe uma crença no invisível. O objeto da fé cristã é uma realidade invisível.

Nosso modo incorreto de pensar, influenciado pela cegueira de nosso coração e pela presença constante das coisas visíveis, tende a ver uma grande dissociação entre o que é espiritual e o que chamamos de real; na verdade, entretanto, não há tal divergência. Há uma antítese em tudo: entre o que é real e o que é imaginário, entre o que

é espiritual e o que é material, entre o que é temporal e o que é eterno; mas, jamais entre o que é espiritual e o que é real. O espiritual também é real.

Se nós nos elevássemos àquela região radiosa e cheia de poder, que nos acena convidativa por entre as páginas das Escrituras, abandonaríamos essa atitude perigosa de ignorar o que é espiritual. É necessário, pois, que retiremos nossos interesses do que é visível e os transfiramos para o que é invisível. Pois a grande realidade invisível é Deus. “É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam” (Hb 11.6). Isso é básico para a vida de fé. Dali podemos nos elevar a alturas sem limites. “Credes em Deus”, disse o Senhor Jesus, “crede também em mim”, acrescentou. Sem a primeira parte não poderia haver a segunda.

Se verdadeiramente desejamos seguir a Deus, temos de procurar ficar “fora do mundo”. Digo isso perfeitamente cômico de que a expressão tem sido aplicada aos crentes pelos filhos deste mundo, em tom de zombaria. Pois que assim seja. Todo homem tem de escolher o seu próprio mundo. Se nós, que seguimos a Cristo, com todos os fatos perante nós, e sabendo onde nos encontramos, deliberadamente preferirmos o reino de Deus como nossa esfera de interesse, não vejo a razão por que alguém teria o direito de levantar qualquer objeção. O “outro mundo”, que é objeto do desdém dos homens deste mundo, e tema das canções zombeteiras dos bêbedos, é o nosso destino, por nós escolhido com todo empenho, e o objeto de nossos desejos mais elevados.

Cumprido, porém, que evitemos o erro comum de afastar o “outro mundo” para um lado, deixando-o para um futuro distante, pois ele não se encontra no futuro, mas sim, no presente. Ele é paralelo ao nosso mundo físico, e as portas de um para outro estão abertas. Por esse motivo escreveu o escritor da epístola aos Hebreus, em palavras onde o tempo presente está bem claro: “Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembléia e à igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus,

o Mediador de Nova Aliança, e ao sangue da aspersão que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel” (Hb 12.22-24). Neste texto bíblico, todas essas coisas são contrastadas com um monte bem tangível, com som de trombetas e de palavras que podiam ser ouvidas. Não poderíamos concluir então que, da mesma forma que as realidades do monte Sinai foram percebidas pelos sentidos, igualmente as realidades do monte Sião são captadas pelas faculdades da alma? E isso não por um artifício de imaginação, mas por causa de sua plena realidade. A alma tem olhos com os quais pode ver, e ouvidos com os quais pode ouvir. Talvez fiquem débeis após prolongado desuso, mas, depois do toque de vida, dado por Cristo, ficam bem vivos, capazes de ver e ouvir claramente.

Quando passarmos a concentrar nossa vida em Deus, as coisas do espírito vão começar a tomar forma, perante os olhos da nossa alma. A obediência à Palavra de Deus é que traz ao nosso íntimo a revelação da divindade (Jo 14.21-23). Isso nos concede uma aguda percepção, que nos capacita a ver a Deus, como ele próprio prometeu aos limpos de coração. Uma nova consciência de Deus tomará conta de nós, e começaremos a provar, e ouvir, e sentir no íntimo o Deus que é a nossa vida e o nosso tudo. Então contemplaremos o resplendor constante da luz que ilumina a todo homem que vem ao mundo. À medida que for aumentando a nossa capacidade espiritual, Deus se tornará o nosso tudo, e a sua presença será a glória e o enlevo de nossa vida.

Oh, Deus, fortalece a minha capacidade espiritual, para que eu possa apossar-me das coisas eternas. Abre os meus olhos, para que vejam; outorga-me aguda percepção espiritual; capacita-me a provar-te e a saber que tu és bom. Torna o céu mais real para mim do que qualquer coisa terrena o tem sido. Amém.

CAPÍTULO 5

A ONIPRESENÇA DE DEUS

*Para onde me ausentarei do teu Espírito?
para onde fugirei da tua face? (Sl 139.7.)*

Em toda a doutrina cristã encontram-se determinadas verdades básicas, às vezes escondidas, e na maioria das vezes aceitas por inferência e não declaradas, mas necessárias à verdade total, assim como as cores primárias se encontram em toda e qualquer pintura e são necessárias ali. A onipresença de Deus é uma dessas verdades.

Deus habita em sua criação, e em tudo está indivisivelmente presente, porquanto tudo é obra sua. Isso é claramente ensinado pelos profetas e apóstolos, e é geralmente aceito pelos teólogos cristãos. Isto é, aparece nos livros; mas, por uma razão desconhecida, não está arraigada no coração dos crentes em geral, de modo a tornar-se parte de sua crença diária. Alguns mestres cristãos procuram evitar as implicações mais sérias dessa verdade, e, se têm que mencioná-las, fazem-no superficialmente de modo que ela quase perde toda a sua significação. Quero crer que esse temor se deva ao fato de recearem ser acusados de panteísmo. Entretanto, a doutrina da onipresença divina de forma alguma é idêntica ao panteísmo.

O erro panteísta é por demais palpável para enganar alguém. Ensina que Deus é a soma de todas as coisas criadas. Assim sendo, a natureza e Deus seriam a mesma coisa, de tal modo que, quem quer que toque numa folha ou numa pedra, toca em Deus. Naturalmente que isso equivale a degradar a glória da incorruptível divindade, e o fato de querer-se tornar todas as coisas divinas, é uma forma de afastar completamente a idéia de uma influência sobrenatural no mundo.

A verdade, porém, é que, apesar de Deus habitar neste mundo, está separado do mesmo por um abismo eternamente intransponível. Por mais íntima que seja sua identificação com a obra de suas mãos, essa obra é e eternamente deverá ser diversa e separada dele; ele deve ser antecedente e independente da mesma. Deus transcende a todas as suas obras, ao mesmo tempo que permanece presente dentro delas.

Ora, que significa a onipresença divina na experiência cristã direta? Simplesmente significa que *Deus está aqui*. Onde quer que nos encontremos, Deus está. Não existe lugar, nem mesmo pode haver, onde ele não esteja. Dez milhões de pessoas, em pontos os mais diversos, e separadas umas das outras por distâncias enormes, poderiam dizer com a mesma medida de veracidade: Deus está aqui! Nenhum ponto está mais próximo de Deus do que qualquer outro. Geograficamente falando, ninguém está mais distante ou mais próximo de Deus do que qualquer outra pessoa.

Essas verdades são aceitas por todo crente instruído nas Escrituras. A nós compete pensar e orar a respeito delas, até que comecem a resplandecer dentro de nós.

“No princípio... Deus.” O princípio de tudo não foi a *matéria*, pois esta não surge espontaneamente. Torna-se necessário uma causa antecedente, e Deus é essa causa. Não foi a *lei*, pois a lei é apenas o processo a que toda a criação obedece. Esse processo teve de ser planejado, e o planejador foi Deus. Não foi a *mente*, pois a mente também é algo criado por Deus e deve ter um criador. Deus foi o princípio, a causa primeira da matéria, da mente e da lei. É aqui que devemos começar.

Adão pecou e, em seu pânico, tentou freneticamente fazer o impossível: esconder-se da presença de Deus. Davi, igualmente, devia estar desorientado quando tentou escapar da presença divina, e escreveu: “Para onde me ausentarei do teu Espírito? para onde fugirei da tua face?” E a seguir, em um de seus mais belos salmos, passou a celebrar a glória da onipresença divina: “Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares: ainda lá me haverá de guiar a tua mão e a tua destra

me susterá” (Sl 139:7-10). E ele sabia que Deus *ser e ver* eram a mesma coisa, que a presença divina o via e estava com ele antes mesmo que nascesse, a observar o mistério da vida que nele se desenvolvia. Salomão exclamou: “Mas, de fato habitaria Deus na terra? Eis que os céus, e até o céu dos céus, não te podem conter, quanto menos esta casa que eu edifiquei” (1 Rs 8.27). Paulo assegurou aos atenienses: “Deus... não está longe de cada um de nós. Pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos.” (At 17.27, 28).

Se Deus está presente em cada ponto do espaço, se a todo lugar que vamos ele lá se encontra, e nem mesmo podemos conceber um lugar onde ele não esteja, nesse caso por que essa presença divina não é o fato mais exaltado em todo o universo? O patriarca Jacó, “num ermo solitário povoado de uivos” (Dt 32.10), respondeu a esta pergunta. Ele teve uma visão de Deus e exclamou maravilhado: “Na verdade o Senhor está neste lugar; e eu não o sabia” (Gn 28.16). Jacó jamais estivera, por um instante sequer, fora do círculo daquela presença que a tudo permeia, porém, não o sabia. Essa era a sua dificuldade, que, por sinal, também é a nossa. Os homens não sabem que Deus está aqui. Que diferença haveria, se o soubessem!

A presença e a manifestação da presença não são a mesma coisa. Pode haver uma coisa sem a outra. Deus acha-se presente em todo o lugar, embora estejamos completamente inconscientes deste fato. Mas ele somente se *manifesta* quando temos consciência de sua presença. De nossa parte, deve haver rendição ao Espírito Santo, cuja tarefa consiste em revelar-nos o Pai e o Filho. Se nos submetemos a ele, obedecendo-o de boa vontade, Deus se manifestará a nós, e essa manifestação será a diferença entre ser cristão só de nome e ter uma vida que irradia a luz divina.

Deus está sempre presente, em todo o universo, e procura sempre revelar-se a nós. E deseja revelar não somente que ele existe, mas também *o que ele é*. Não se negou a revelar sua plenitude a Moisés. “Tendo o Senhor descido na nuvem, ali esteve junto dele, e proclamou o nome do Senhor” (Êx 34.5). Deus não apresentou apenas uma proclamação verbal de sua natureza, mas igualmente revelou seu pró-

Como acontece com tudo que há de bom no homem, esta disposição favorável também é Deus que opera. Reconhecemos nisso a soberania de Deus, e assim também pensam até mesmo aqueles que não têm se preocupado muito com esse ponto teológico.

Por mais simples que seja o fato de reconhecermos que Deus opera tudo em nós, quero fazer uma advertência a respeito de uma preocupação demasiada com esse assunto. Pois o exagero é o caminho mais certo para uma passividade estéril. Deus não considera que seja responsabilidade nossa compreender os mistérios da eleição, da predestinação e da soberania divina. A maneira mais segura e acertada de proceder com respeito a essas verdades é levantar os olhos a Deus e dizer-lhe em atitude de humildade: "Senhor, tu sabes." Essas coisas pertencem à profunda e misteriosa onisciência de Deus. O sondá-las pode tornar alguém em teólogo, mas jamais fará dele um santo.

A sensibilidade espiritual não é uma qualidade isolada; pelo contrário, é mais um conjunto de qualidades, uma mescla de diversos elementos dentro da alma. Trata-se de uma afinidade, de uma tendência, de uma reação favorável, de um desejo de alcançar o mundo espiritual. Disso se conclui que ela pode existir em diversos graus, que podemos possuí-la um pouco mais ou um pouco menos, dependendo exclusivamente de nós mesmos. Pode crescer através do exercício, ou pode definhir pela negligência. Não é uma força soberana e irresistível que nos sobrevém de momento. Realmente é um dom de Deus, mas que deve ser reconhecido e cultivado como qualquer outro dom, para que possa cumprir o propósito por que nos foi dado.

O fato de esta verdade não estar sendo compreendida causa muitas e sérias falhas entre os evangélicos de hoje. A idéia de se cultivar e exercitar a receptividade espiritual, tão importante para os santos da antigüidade, atualmente não tem mais lugar no quadro geral da nossa vida cristã. Geralmente consideramos esse processo muito lento e simples demais. Queremos uma ação mais rápida. Uma geração de crentes que cresceram apertando botões e lidando com máquinas automáticas, impacienta-se perante métodos mais lentos e menos diretos para atingir os seus alvos. Temos

procurado aplicar os métodos mecânicos de nossa época às nossas relações com Deus. Lemos um capítulo da Bíblia, temos um breve momento devocional que logo encerramos afobadamente, e procuramos preencher nosso vazio interior indo a uma reunião evangélica ou ouvindo mais uma história emocionante, relatada por algum aventureiro religioso, que tenha acabado de voltar de algum lugar distante.

Os resultados trágicos dessa atitude são visíveis. Vidas superficiais, vãs filosofias religiosas, cultos evangelísticos em que a preocupação é uma programação agradável, a glorificação de homens, a confiança na aparência religiosa, em associações religiosas sem qualquer realidade espiritual, o emprego de métodos seculares na vida da igreja, falta de discernimento entre a personalidade dinâmica e o poder do Espírito: essas e outras coisas parecidas são os sintomas de uma horrível enfermidade, de uma profunda e grave enfermidade da alma.

É mister um coração resolutivo, e uma coragem ilimitada, para que nos desprendamos das cadeias de nossa época e retornemos aos caminhos bíblicos. E isso é perfeitamente possível. De tempos em tempos, no passado, certos cristãos agiram dessa maneira. A História tem registrado vários desses retornos, em grande escala, liderados por homens como Francisco de Assis, Martinho Lutero e Jorge Fox. Infelizmente, no presente, não parece haver nenhuma perspectiva de surgir um Lutero ou um Fox. Se devemos ou não esperar um retorno assim, antes da vinda de Cristo, é uma questão em torno da qual os crentes não estão plenamente de acordo, mas isso não tem uma importância tão grande para nós, por enquanto.

Não digo que eu saiba o que Deus, em sua soberania, ainda poderá vir a fazer em escala mundial, mas o que ele fará para um homem simples, que busque a sua face, creio que sei, e posso dizer. Qualquer homem que se dedicar inteiramente a Deus, começar a exercitar sua vida espiritual, e procurar desenvolver sua sensibilidade para as coisas espirituais, mediante confiança, obediência e humildade, verá que os resultados ultrapassarão a tudo que ele poderia desear em seus momentos de mais intensa busca.

Todo indivíduo que, através do arrependimento e de um retorno sincero a Deus, quiser libertar-se dos moldes tradicionais, e quiser tomar apenas a Bíblia como seu padrão espiritual, ficará maravilhado com o que achará nas Escrituras.

Concluindo: a onipresença de Deus é um fato. Deus está aqui. O universo inteiro está vivo pela sua vida. E ele não é um Deus estranho ou alheio, mas, antes, é o Pai de nosso Senhor, Jesus Cristo, cujo amor, há dois mil anos, tem envolvido toda a raça humana pecaminosa. E sempre busca a nossa atenção, desejando revelar-se a nós e comunicar-se conosco. Temos em nós mesmos a possibilidade de conhecê-lo, se tão-somente atendermos ao seu chamado. (E a isto chamamos de estar à procura de Deus!) E o conheceremos cada vez mais, à medida que nossa receptividade for sendo aperfeiçoada através da fé, do amor e da prática.

Ó Deus e Pai, arrependo-me da maneira exagerada com que tenho me preocupado com as coisas materiais. O mundo tem imperado demais em mim. Tu estás aqui o tempo todo e eu não o sabia. Tenho estado cego para a tua divina presença. Abre os meus olhos para que eu te contemple em mim e ao meu redor. Em nome de Cristo, amém.

CAPÍTULO 6

A VOZ DO VERBO

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. (Jo 1.1.)

Qualquer homem de inteligência média, ainda que não instruído nas verdades do cristianismo, chegando a ler esse texto, certamente concluirá que João tencionava ensinar que falar faz parte da natureza de Deus, ou seja, ele deseja comunicar seus pensamentos aos outros seres inteligentes. E teria plena razão. A palavra (verbo) é o meio através do qual os pensamentos são expressos — pelo que também a aplicação do termo “Verbo” ao Filho eterno de Deus, leva-nos a crer que a auto-expressão faz parte inerente da divindade, e que Deus está sempre procurando falar de si mesmo às suas criaturas. E a Bíblia inteira apóia essa idéia. Deus continua falando. Não somente falou, mas *continua falando*. Por força de sua própria natureza, ele se comunica continuamente. Enche o mundo com sua voz.

Uma das grandes realidades que temos de levar em conta, e com a qual nos vemos a braços, é a voz de Deus neste mundo. A hipótese mais simples sobre a formação do universo, e a mais certa, é essa: “Ele falou, e tudo se fez.” A *razão de ser* da lei natural não é outra senão a voz de Deus, imanente em sua criação. E essa palavra de Deus, que trouxe à existência todos os mundos criados, não pode ter sido a Bíblia, porquanto esta não fora escrita nem impressa ainda, mas é a expressão da vontade de Deus, manifesta na estrutura de todas as coisas. Essa palavra que vem de Deus é o sopro divino que enche o mundo de potencialidade vital. A voz de Deus é a mais poderosa força que há na natureza, e, na realidade, a única força que atua

na natureza, onde reside toda a energia pelo simples fato de que a palavra de poder foi proferida.

A Bíblia é a Palavra escrita de Deus; e, por haver sido escrita, está confinada e limitada pelas necessidades da tinta, do papel e do couro. A voz de Deus, entretanto, é viva e livre como o próprio Deus. "As palavras que eu vos tenho dito, são espírito e são vida." (Jo 6.36.) A vida está encerrada nas palavras proferidas por Deus. A Palavra de Deus, na Bíblia, só tem poder porque corresponde perfeitamente à palavra de Deus no universo. É a voz presente no mundo que dá à Palavra escrita todo o seu poder. De outro modo, estaria para sempre adormecida, aprisionada entre as páginas de um livro.

Temos uma visão muito pequena e primitiva das coisas, quando pensamos em Deus, no ato da criação, a entrar em contato físico com essas coisas, a modelar, adaptar, e fabricar, como se fosse um carpinteiro. A Bíblia ensina uma coisa totalmente diversa: "Os céus por sua palavra se fizeram, e pelo sopro de sua boca o exército deles. . . Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir" (Sl 33.6, 9). "Pela fé entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem." (Hb 11.3.) Uma vez mais, convém que nos lembremos de que Deus se refere aqui, não à sua Palavra escrita, à Bíblia, mas antes, à voz da sua palavra. Isto se refere à voz que enche o mundo, aquela voz que antecede a Bíblia em séculos e séculos; aquela voz que não silenciou mais desde o início da criação, mas que continua a soar, e alcança todos os recantos desse imenso universo.

A Palavra de Deus é viva e poderosa. No princípio ele falou ao nada, e o nada se tornou em *alguma coisa*. O caos a ouviu e se fez ordem, as trevas a ouviram, e se transformaram em luz. "E disse Deus. . . e assim se fez." Essas sentenças gêmeas, como se fossem causa e efeito, ocorrem em todo o relato da criação, no livro de Gênesis. O *disse* explica o *assim* se fez. O *assim* se fez é o *disse*, posto em forma de presente contínuo.

Deus está aqui, e está sempre falando. Essas verdades são o pano de fundo de todas as demais verdades bíblicas; sem

elas estas últimas não poderiam ser revelações de forma alguma. Deus não escreveu um livro para enviá-lo através de mensageiros e ser lido à distância, por mentes desassistidas. Ele "falou" um livro e vive em suas palavras proferidas, constantemente afirmando as suas palavras e outorgando-lhes o poder que elas têm, pelo que também persistem através de todos os séculos. Deus soprou sobre o barro, e este se transformou em homem; ele sopra sobre os homens, e estes se tornam barro. "Porque tu és pó e ao pó tornarás" (Gn 3.19) foi a palavra proferida quando da queda, mediante a qual decretou a morte física de todo homem, e não foi necessário dizer mais nenhuma palavra. O triste curso da humanidade, em toda a face da terra, desde o nascimento até à sepultura, é prova de que sua palavra original foi o bastante.

Ainda não demos atenção suficiente àquela profunda declaração que lemos no Evangelho de João: "A verdadeira luz que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem" (Jo 1.9). Pode-se mudar à vontade a pontuação, que a verdade inteira continua ali encerrada: a Palavra de Deus afeta o coração de todos os homens, porque é luz para a alma. A luz brilha no coração de todos os homens e a palavra ali ressoa, e não há como escapar dela. Isso seria uma decorrência lógica do fato de Deus estar vivo e atuante neste mundo. E João afirma que isto realmente acontece. Até mesmo aqueles que nunca ouviram da Bíblia, já ouviram a pregação da verdade com clareza suficiente para que não tenham mais desculpas. "Estes mostram a norma da lei, gravada nos seus corações, testemunhando-lhes também a consciência, e os seus pensamentos mutuamente acusando-se ou defendendo-se." (Rm 2.15.) "Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são por isso indesculpáveis." (Rm 1.20.)

Essa voz universal de Deus era chamada de sabedoria, pelos antigos hebreus, e dizia-se que estava em toda a parte investigando e perscrutando toda a face da terra,

buscando alguma reação favorável da parte dos filhos dos homens. O oitavo capítulo do livro de Provérbios começa com as palavras: "Não clama porventura a sabedoria, e o entendimento não faz ouvir a sua voz?" O escritor sagrado, em seguida, pinta a sabedoria como uma bela mulher, postada "no cume das alturas, junto ao caminho, nas encruzilhadas das veredas". E faz ouvir a sua voz em todos os lugares, de tal maneira que ninguém pode deixar de ouvi-la. "A vós outros, ó homens, clamo; e a minha voz se dirige aos filhos dos homens." Então conclama os simples e os néscios para que lhe dêem ouvidos. O que a sabedoria de Deus requer é a reação espiritual favorável da parte dos homens, uma resposta que ela sempre tem buscado, mas que raramente tem conseguido. A tragédia é que nosso bem-estar eterno depende de ouvirmos, mas nós temos feito ouvidos moucos.

Essa voz universal sempre soou, e perturbou os homens, mesmo quando não eram capazes de compreender a origem de seus temores. Quem sabe se essa voz, derramando-se gota a gota no coração dos homens, não é a causa oculta da consciência perturbada e do anseio pela imortalidade, confessados por milhões de pessoas, desde o início da História? Não há o que temer. Essa voz é um fato. E qualquer um pode observar como a humanidade tem reagido em face dela.

Quando do céu Deus falou ao Senhor Jesus, muitos homens que ouviram a voz explicaram-na como sendo fenômenos naturais. Diziam ter ouvido um trovão. Esse hábito de apelar às leis naturais para explicar a voz de Deus é a própria raiz da ciência moderna. Nesse universo que vive e respira, há algo misterioso, por demais maravilhoso, por demais tremendo para que qualquer mente o compreenda. O crente não exige explicações, mas dobra os joelhos e adora, sussurrando: "Deus meu". O homem mundano também se inclina, mas não para adorar. Inclina-se para examinar, para pesquisar, para descobrir a causa e o funcionamento das coisas. O que ocorre é que estamos vivendo na era secular. Estamos acostumados a pensar como cientistas e não como adoradores. Sentimo-nos mais inclinados a pensar do que a adorar. "Foi apenas um trovão!" exclamamos nós, e continuamos levando uma vida mundana.

Contudo, a voz divina continua ecoando, chamando. A ordem e a vida do mundo dependem totalmente dessa voz, mas os homens estão por demais atarefados ou são teimosos demais para dar-lhe qualquer atenção.

Cada um de nós já experimentou sensações impossíveis de serem explicadas: um súbito senso de solidão, ou um sentimento de admiração e espanto em face da vastidão universal. Ou, como que recebendo um raio de luz de um outro sol, tivemos uma revelação momentânea de que pertencemos a um outro mundo, e que nossa origem se explica em Deus. O que então sentimos, ouvimos ou vimos, talvez tenha sido contrário a tudo quanto nos tem sido ensinado nas escolas, ou esteja em total conflito com nossas crenças e conceitos. Naquele momento, em que as nuvens se dissiparam e tivemos aquela revelação pessoal, fomos forçados a afastar as dúvidas costumeiras. Por mais que queiramos explicar essas coisas, penso que não estaremos sendo sinceros, enquanto não admitirmos pelo menos a possibilidade de que tais experiências venham da presença de Deus no mundo, bem como de seus persistentes esforços para comunicar-se com a humanidade. Não ponhamos de lado essa hipótese, por julgá-la falsa.

Eu, particularmente, creio (e não me ressentirei se ninguém concordar comigo) que tudo quanto de bom e de belo o homem tem produzido neste planeta é resultado de sua resposta imperfeita e maculada pelo pecado, à voz criadora que ecoa por toda a Terra. Como explicar os filósofos moralistas que tiveram elevados sonhos de virtude; os pensadores religiosos, com suas especulações acerca de Deus e da imortalidade; os poetas e os artistas, que da matéria criaram beleza pura e duradoura? Não basta dizer simplesmente: "Ele foi um gênio". Pois, que é um gênio? Não seria possível que um gênio fosse um homem que, "importunado" por essa voz, esforça-se e luta freneticamente para atingir um objetivo que ele apenas vagamente entende? O fato de que, na lida diária, os homens tenham perdido Deus de vista, que até mesmo tenham falado ou escrito contra Deus, não destrói a idéia que eu procuro demonstrar. A revelação redentora de Deus, nas Sagradas

Escrituras, é necessária para a fé salvadora e para a paz com Deus. Para que esta inconsciente aspiração pela imortalidade leve o homem a uma comunhão satisfatória com Deus, é necessário que ele confie no Salvador ressurreto. Para mim, essa é uma explicação plausível para tudo que é excelente fora de Cristo.

A voz de Deus é amiga. Ninguém precisa temê-la, a menos que já tenha resolvido resistir a ela. O sangue de Jesus Cristo cobriu não apenas a raça humana mas também toda a criação. "E que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus." (Cl 1.20.) Nós podemos falar, com toda segurança, de um céu que nos é propício. Tanto os céus como a terra estão cheios da boa-vontade daquele que veio manifestar-se na sarça ardente. O sangue santo de Cristo, na expiação, garante isso para sempre.

Quem quiser aplicar os ouvidos, ouvirá a voz dos céus. Estamos numa época em que os homens decididamente não aceitam exortações de bom grado, porquanto *ouvir* não faz parte do conceito popular de religião. E nisto, estamos fazendo exatamente o contrário do que devemos. As igrejas, de um modo geral, aceitam a grande heresia de que fazer barulho, ser grande e ativa, torna-as mais preciosas para Deus. Mas não devemos desanimar, pois é a um povo atingido pela tormenta do último e maior de todos os conflitos que Deus diz: "Aquietai-vos e sabeí que eu sou Deus." (Sl 46.10.) E ele ainda diz o mesmo hoje, como se quisesse informar-nos de que nossa força e segurança dependem não tanto de nossa agitação, mas de nosso silêncio e serenidade.

Precisamos estar quietos para esperar em Deus. Seria melhor se pudéssemos ficar a sós, com a Bíblia aberta à nossa frente. Se quisermos, podemos nos chegar a Deus e começar a ouvi-lo falar ao nosso próprio coração. Penso que para a média das pessoas a manifestação dessa voz será mais ou menos assim: primeiramente, ouve-se um ruído como de uma presença a andar pelo jardim. Em seguida ouve-se uma voz, mais inteligível, mas ainda não muito distinta. Depois disto, vem um instante feliz em que

o Espírito Santo começa a iluminar as Sagradas Escrituras, e aquilo que até ali fora apenas um ruído, ou quando muito uma voz, agora se torna em palavra calorosa, íntima e clara como a palavra de um amigo muito caro. Depois é que vêm a vida e a luz, e, melhor de tudo, a capacidade de ver, de descansar em Jesus Cristo e de aceitá-lo como Salvador e Senhor.

A Bíblia jamais será um livro vivo para nós enquanto não ficarmos convencidos de que Deus está articulado com seu próprio universo. A transição de um mundo morto e impessoal para uma Bíblia dogmática é difícil para a maioria das pessoas. Talvez admitam que *devem* aceitar a Bíblia como a Palavra de Deus, e talvez até tentem pensar nela como tal; mas depois descobrirão ser impossível crer que as palavras, escritas nas páginas da Bíblia, se aplicam à sua vida. Um homem pode dizer com os lábios: "Estas palavras foram dirigidas a mim", e, contudo, em seu coração sentir que não sabe o que elas dizem. É, nesse caso, vítima de um raciocínio errado — pensa que Deus permanece mudo em tudo o mais, e se manifesta apenas em seu livro.

Acredito que grande parte de nossa incredulidade se deve a um conceito errôneo a respeito das Escrituras. Deus está silencioso e, subitamente, começa a falar em um livro. Terminado o livro, cai no silêncio outra vez, e para sempre. Por isso, muitos lêem a Bíblia como se fora o registro do que Deus disse quando estava com vontade de falar. Se pensarmos desta forma, como poderemos confiar plenamente? O fato, contudo, é que Deus não está calado, e nunca esteve. Falar faz parte da natureza de Deus. A segunda pessoa da Trindade é chamada de *Verbo* (Palavra). A Bíblia é o resultado inevitável da contínua manifestação de Deus. É a revelação infalível de sua mente, a nós dirigida, expressa em termos humanos, para que possamos compreendê-la.

Penso que um novo mundo surgirá dentre as nebulosidades religiosas, quando nos aproximarmos da Bíblia munidos da idéia de que se trata não somente de um livro que foi falado numa certa época, mas que ainda *continua* falando. Os profetas sempre afirmavam: "Assim diz o

Senhor.” Queriam que o povo entendesse que Deus fala em um presente contínuo. Podemos usar o verbo no passado, para indicar com propriedade que, em certo tempo, determinada palavra foi proferida por Deus; mas, uma palavra nascida continua viva, ou um mundo criado, continua a existir. E essas ilustrações são bastante imperfeitas, pois as crianças podem morrer e os mundos fatalmente passarão, mas a Palavra de Deus dura para sempre.

Se quisermos conhecer cada vez mais ao Senhor, abramos as Escrituras, confiando em que elas nos falarão. Não pensemos, porém, que a Bíblia seja *algo* que podemos torcer à vontade, segundo a nossa conveniência, porque ela é mais que uma palavra. É uma voz, uma palavra, a Palavra do próprio Deus.

Senhor, ensina-me a escutar. Esta época é barulhenta, e os meus ouvidos estão cansados dos milhares de sons roucos que continuamente o assaltam. Dá-me o espírito do menino Samuel, que disse: “Fala, porque o teu servo ouve.” Deixa-me ouvir a tua voz em meu coração. Permite-me ficar habituado ao som de tua voz, de modo que ele me seja familiar, quando os sons da terra fenecerem, e o único som existente vier a ser a música de tua voz. Amém.

CAPÍTULO 7

O DESLUMBRAMENTO DA ALMA

Olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus. (Hb 12.2.)

Consideremos mais uma vez um homem de capacidade intelectual média, já mencionado no sexto capítulo deste livro, a ler pela primeira vez as Sagradas Escrituras. Ele pega a Bíblia sem nenhum conhecimento prévio do que nela está contido. Lê-a sem qualquer preconceito; nada tem a provar, nada a defender.

Ele não tardará a descobrir que certas verdades como que ressaltam das páginas sagradas. Essas verdades são os princípios que regem o relacionamento de Deus com o homem, os quais foram inseridos nas Escrituras, por homens santos que foram “movidos pelo Espírito Santo” (2 Pe 1.21). Com o prosseguimento da leitura, talvez deseje fazer uma lista dessas verdades, que vão-se tornando cada vez mais claras para ele, e um breve resumo de cada uma. Esse sumário será a doutrina em que baseará a sua crença. A continuação da leitura não vai afetar a doutrina, vai apenas complementá-la e confirmá-la. Este homem está realmente descobrindo o que a Bíblia ensina.

Bem no início dessa lista de princípios bíblicos aparecerá a doutrina da fé. O lugar importantíssimo que as Escrituras emprestam à fé, será por demais evidente para que ele possa perdê-lo de vista. Provavelmente, ele chegará a esta conclusão: a fé tem importância primordial para a vida do indivíduo. Sem fé é impossível agradar a Deus. A fé pode levar-me a obter qualquer coisa, conduzir-me a qualquer lugar, dentro do reino de Deus; mas sem fé não pode haver aproximação de Deus, nem perdão, nem livramento,

Números. “E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna” (Jo 3.14, 15).

Aquele leitor, de quem falamos, ao ver essas palavras, faria uma importantíssima descoberta. Notaria que “olhar” e “crer”, são sinônimos, nesse caso. O “olhar” a serpente do Antigo Testamento é idêntico ao “crer” no Cristo do Novo Testamento. Ou seja, *olhar e crer* são a mesma coisa. E entenderia que, enquanto para o povo de Israel a fé significa olhar para a serpente com os olhos físicos, para nós ela é algo que tem lugar no coração. E penso que ele concluiria que *a fé é o olhar fixo da alma que contempla o Deus Salvador*.

Ao ler esse trecho, aquele homem haveria de lembrar-se de outras passagens que lera, e o sentido delas sobreviria à sua mente como um dilúvio. “Contemplai-o e sereis iluminados, e os vossos rostos jamais sofrerão vexame” (Sl 34.5); “A ti, que habitas nos céus, elevo os meus olhos! Como os olhos dos servos estão fitos nas mãos dos seus senhores, e os olhos da serva, na mão de sua senhora, assim os nossos olhos estão fitos no Senhor, nosso Deus, até que se compadeça de nós” (Sl 123.1, 2). E nesse ponto, aquele que busca misericórdia, olha diretamente para o Deus de toda a misericórdia, e não desviará seus olhos dele enquanto não a alcançar. O próprio Senhor Jesus jamais deixou de mirar a Deus Pai. “E, tendo mandado que a multidão se assentasse sobre a relva, tomando os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos ao céu, os abençoou. Depois, tendo partido os pães, deu-os aos discípulos, e estes, às multidões” (Mt 14.19). Realmente, Jesus dizia que operava sinais e maravilhas porque jamais desviara do Pai o seu olhar. Seu poder consistia no fato de mirar continuamente ao Pai. (Jo 5.19-21.)

Toda a Palavra de Deus está em conformidade com esses textos que acabamos de citar. E isso está sintetizado no verso que nos instrui a correr a carreira da fé “olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus” (Hb 12.2). Disso tudo depreendemos que a fé não é um ato iso-

lado, praticado uma vez só, mas, sim, um olhar fixo e contínuo do coração para Deus.

Por conseguinte a fé confiante consiste em dirigir a atenção do coração a Jesus. É elevar a mente à “contemplação do Cordeiro de Deus”, e permanecer nessa contemplação pelo resto da vida. A princípio isso pode parecer difícil, mas torna-se mais fácil à medida que continuarmos a olhar firmemente para a sua maravilhosa pessoa, calmamente e sem qualquer pressão. Pode haver divagações, mas uma vez que o coração lhe foi entregue, sempre que acontecer de nos afastarmos dele, voltaremos novamente e repousaremos nele, como um pássaro migrador que volta ao seu rincão predileto.

Gostaria de ressaltar mais esse compromisso, esse grande ato da vontade que firma o propósito do coração de contemplar para sempre o Senhor Jesus. Deus aceita essa intenção como escolha nossa e ignora os mil e um motivos de dispersão, que nos assediam neste mundo mau. Ele sabe que fixamos em Jesus a nossa vida, e nós também sabemos disso, e nos consolamos na certeza de que o hábito de voltarmos para ele está-se formando em nosso íntimo, e que após algum tempo haverá de transformar-se numa espécie de reflexo natural do espírito, que não requererá mais nenhum esforço consciente, de nossa parte.

A fé, dentre todas as virtudes, é a que menos dá valor a si mesma. Devido à sua própria natureza, a fé raramente tem consciência de sua própria existência. Tal como o olho, que vê tudo que é posto à sua frente, mas não enxerga a si próprio, assim também a fé se ocupa apenas do objeto sobre o qual se fixa, e não dá a mínima atenção a si mesma. Enquanto estivermos na contemplação de Deus, não veremos a nós mesmos — bendito seja esse desprendimento. O homem que tem se esforçado para purificar-se, e nada tem a relatar senão repetidos fracassos, conhecerá o verdadeiro alívio quando deixar de dar demasiada importância à sua alma, e passar a olhar somente para aquele que é perfeito. E quando estiver olhando para Cristo, as próprias coisas que por tanto tempo vem tentando fazer, serão finalmente realizadas dentro dele. Será Deus a operar nele tanto o agir como o efetuar.

A fé, por si mesma, não é um ato meritório; o mérito está naquele em quem a fé é depositada. A fé, portanto, é uma reorientação de nossa visão; consiste em deixarmos de focalizar sempre o nosso “eu”, e colocarmos Deus no foco da nossa visão. O pecado corrompeu a visão da nossa alma, tornando-a preocupada consigo mesma. A incredulidade põe o “eu” onde só Deus deveria estar, e este fica perigosamente perto do pecado de Lúcifer, que disse: “Acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei... serei semelhante ao Altíssimo” (Is 14.13, 14). A fé olha para *fora* de si mesma, em lugar de olhar para dentro, para o “eu”, e assim todas as áreas da vida se encaixam conforme o padrão divino.

Tudo isso pode parecer simples demais, porém, não há o que explicar. Àqueles que desejam mover céus e terra em busca de auxílio, Deus diz: “A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração; isto é, a palavra da fé que pregamos” (Rm 10.8). A Palavra de Deus nos induz a levantar os olhos em direção ao Senhor, e é assim que começa a operação da fé.

Quando erguemos os olhos para contemplar a Deus, encontramos sempre o seu olhar amigo fitando-nos diretamente, porque está escrito que os olhos do Senhor percorrem a terra inteira. A voz da experiência afirma: “Tu, ó Deus, me vês.” Quando os olhos da fé, alongando sua visão, se encontram com os olhos de Deus, que perscrutam a alma, então o céu já começou neste mundo.

“Quando emprego toda a diligência em te buscar, porque tu te empenhas em minha direção; quando contemplo a ti somente, com toda a minha atenção, e nunca desvio de ti os olhos da minha mente, pois me envolves de atenção constante; quando dirijo o meu amor somente a ti porque tu, que és o próprio Amor, te voltaste inteiramente para mim... Que é a minha vida, Senhor, senão aquele abraço com o qual a tua doçura aprazível me envolve?” Assim escreveu Nicolau de Cusa, há quatrocentos anos atrás.

Eu gostaria de falar mais acerca desse homem de Deus do passado. Atualmente ele não é muito conhecido entre os crentes, e entre os chamados fundamentalistas de nossos

dias ele é inteiramente desconhecido. Sinto, porém, que muito poderíamos aprender se conhecêssemos um pouco melhor homens de seu calibre espiritual, bem como a escola de pensamento evangélico que eles representam. A literatura cristã, para ser aceita e aprovada pelos líderes evangélicos de nossos tempos, deve seguir bem de perto a mesma linha de pensamento, uma espécie de “voz de partido”, de onde dificilmente se pode afastar sem problemas. Depois de estarmos seguindo essa linha há meio século, tornamo-nos presunçosos e acomodados. Imitamos uns aos outros com um zelo servil, e todo o nosso esforço é no sentido de procurar dizer a mesma coisa que os outros ao nosso redor estão dizendo. E como desculpa para essa repetição estéril, fazemos uma ou outra leve variação sem maiores consequências, do mesmo tema já aprovado, ou, quando muito, empregamos uma nova ilustração.

Nicolau era um autêntico seguidor de Cristo, que amava ao Senhor, e sua dedicação ao Senhor era radiosa. Sua crença era ortodoxa, mas também proporcionava refrigério espiritual, como, aliás, deve acontecer com tudo que diz respeito a Jesus Cristo. O seu conceito sobre a vida eterna, por exemplo, era por si só maravilhoso, e, se não estou equivocado, bem mais de acordo com o espírito que aparece em João 17.3, do que a idéia que se generalizou em nossos dias. “A vida eterna”, escreveu Nicolau de Cusa, “não é outra coisa senão aquele maravilhoso cuidado de Deus que faz com que ele jamais retire de mim os seus olhos e veja os escaninhos de minha alma. Para ti, contemplar é dar a vida; é proporcionar incessantemente teu mais doce amor; é avivar meu amor por ti, porque tu mesmo fazes nascer em mim esse teu amor; é nutrir o meu amor, aumentando meu anseio, levando-me a beber do orvalho da alegria, mergulhando-me na fonte da vida, fazendo-me crescer e perseverar.”

Ora, se ter fé é contemplar a Deus com o coração, e se essa contemplação é erguer os olhos da alma para se encontrarem com o olhar de Deus que tudo vê, então essa é uma das coisas mais fáceis de serem feitas. É como se Deus tornasse simples a coisa mais importante, colocando-a ao alcance até dos mais fracos e pobres dentre os homens.

De tudo isto podemos tirar diversas conclusões. A simplicidade da fé, por exemplo. Posto que crer é olhar, isso pode ser feito sem quaisquer formalidades ou ritos religiosos. Deus fez as coisas de modo a que essa questão fundamental da salvação jamais esteja sujeita aos caprichos do acaso. "Todas as formalidades podem deixar de existir, pode faltar o batismo, o registro do rol de membros pode ser destruído pelo fogo, o pastor pode chegar tarde demais para atender o moribundo ou o templo pode se incendiar. Todas essas coisas são superficiais para a alma e estão sujeitas a falhas incidentais. O *olhar* para Cristo, porém, origina-se no coração e pode ser experimentado por qualquer indivíduo, quer esteja ele de pé, ajoelhado ou mesmo agonizando a mil quilômetros de qualquer congregação evangélica.

Além disso, visto que crer é olhar, a fé pode ser exercitada a *qualquer hora*. Não existe uma ocasião que seja mais propícia do que a outra. Deus nunca fez a salvação depender de luas novas, de dias santos ou de sábados. Ninguém está mais perto de Cristo no domingo da páscoa do que, digamos, no sábado 3 de agosto, ou na segunda-feira 4 de outubro. Enquanto Cristo for o nosso mediador, todos os dias são perfeitamente iguais, e todos são o "dia da salvação".

Outra verdade com relação à fé em Deus é que, *o lugar* onde nos encontramos não importa. Se elevarmos o coração a Jesus Cristo, imediatamente nos encontraremos em um santuário, ainda que estejamos em um beliche de navio, em uma fábrica ou em uma cozinha. Podemos ver Deus de qualquer lugar, contanto que estejamos resolvidos a amá-lo e ser-lhe obediente.

Ora, alguém poderia perguntar: "Mas o senhor não está-se referindo a certas pessoas, tais como monjes ou ministros do evangelho, os quais, devido à natureza de seu chamado, contam com mais tempo para devotar a uma meditação tranqüila? Eu, por exemplo, sou muito atarefado, e tenho pouco tempo para gastar nisso." Felizmente essa vida que acabo de descrever é para todo filho de Deus, não importando sua ocupação neste mundo. De fato, está sendo experimentada, com alegria, diariamente, por muitas

pessoas que trabalham duramente, já que ela está ao dispor de todos nós.

Muitos crentes descobriram o segredo de que estou falando, e em vez de se preocuparem em explicar o que ocorre dentro deles, simplesmente puseram em prática esse ato de contemplar a Deus com os olhos do espírito. Sabem perfeitamente que há algo em seus corações que pode ver a Deus. Mesmo quando são forçados a desviar dele sua atenção consciente, a fim de se ocuparem das atividades terrenas, sua comunhão interior com Deus continua. E basta que a atenção deles se liberte, por um momento, das atividades necessárias da vida, para que voe para Deus, novamente. Esse tem sido o testemunho de muitos crentes, tantos que, ao escrever isto, parece-me estar citando as palavras de outros, embora não saiba de quem, nem de quantos.

Não quero dar a meus leitores a impressão de que os meios comuns da graça são sem valor. Certamente que são muito valiosos. Orar a sós com Deus deveria ser o costume de todo o crente. Longos períodos de meditação bíblica podem purificar nosso olhar e dirigi-lo para Deus; a frequência aos cultos da igreja pode expandir nossa perspectiva e aumentar o nosso amor aos irmãos na fé. Nossa maneira de servir a Deus, o trabalho que executamos com diligência e as funções que exercemos — tudo isso é bom e deveria ser praticado por todo crente. Mas, sempre deve estar presente em nós esta contemplação ao Senhor, que é o que dá sentido a todas essas práticas. Os olhos da nossa alma (digamos assim) vão sendo aperfeiçoados, capacitando-nos a olhar para Deus, ao mesmo tempo que nossos olhos materiais contemplam as cenas deste mundo.

Talvez alguém pense que estamos procurando exagerar a importância da vida espiritual de cada crente em particular, e que eu esteja substituindo o "nós" do Novo Testamento pelo egoístico "eu". Mas, será que já lhe ocorreu que cem pianos afinados pelo mesmo diapasão, estão automaticamente afinados uns pelos outros? Quando foram ajustados assim adquiriram essa unidade de som, não uns dos outros, mas de um outro instrumento, ao qual todos devem sua tonalidade. Assim também, se cem crentes estão reuni-

dos, e cada um olhar para Cristo, nos seus corações, eles estão mais ligados entre si, do que se passassem a buscar esta unidade, mas, para isto, desviassem os olhos de Deus. Assim sendo, toda a Igreja é aperfeiçoada quando a vida de cada crente é purificada. O corpo de Cristo torna-se mais vigoroso à medida que seus membros se tornam mais saudáveis. A Igreja de Deus, no seu todo, só tem a lucrar quando os membros que a compõem começam a buscar uma vida melhor e mais pura.

Tudo que dissemos até aqui pressupõe um verdadeiro arrependimento e uma completa rendição da vida ao Senhor. É quase desnecessário mencionar esse fato, porque somente as pessoas que se renderam dessa maneira terão lido este livro até aqui.

Quando nossa alma se fixa numa contínua contemplação de Deus, então somos levados a um novo nível espiritual, que está mais de conformidade com as promessas divinas e com a atividade que permeia o Novo Testamento. A nossa habitação será com Deus, mesmo quando nossos pés ainda estiveram trilhando a estrada terrena do dever comum, aqui entre os nossos semelhantes. E dessa maneira é que encontraremos realmente o *summum bonum* da vida. "Ali se encontra a fonte de todos os deleites a que poderíamos aspirar; não só seria impossível que os homens ou os anjos imaginassem algo melhor, como também é impossível existir algo melhor, pois esse é o máximo absoluto de todo o desejo racional, e não pode existir nada maior que isso."

Oh, Senhor, ouvi uma voz bondosa convidando-me a olhar fixamente para ti, para ser saciado. Meu coração deseja atender a ela, mas o pecado obscureceu minha visão, de tal maneira que só te vejo vagamente. Sê propício a mim e purifica-me com teu sangue precioso, tornando-me puro no íntimo, a fim de que, de olhos desvendados, eu possa contemplar-te todos os dias de minha peregrinação neste mundo. Então estarei preparado para contemplar-te em teu completo esplendor, no dia em que houveres de aparecer para seres glorificado nos teus santos, e seres admirado em todos quantos têm confiado em ti. Amém.

CAPÍTULO 8

A RESTAURAÇÃO DA COMUNHÃO ENTRE O CRIADOR E A CRIATURA

*Sê exaltado, ó Deus, acima dos céus;
e em toda a terra esplenda a tua glória.*
(Sl 57.5.)

É desnecessário dizer que a ordem da natureza depende do equilíbrio das forças e engrenagens; e que para esta harmonia ser obtida, cada elemento deve estar em sua posição correta, em relação aos demais. Na vida do homem também sucede da mesma maneira.

Nos capítulos anteriores já forneci indícios de que a causa de todas as nossas misérias humanas é um grande desvio moral, o transtorno de nosso relacionamento com Deus e com os nossos semelhantes. Sabemos que, entre outras coisas, a queda do homem ocasionou uma drástica mudança na relação que havia entre a criatura e seu Criador. O homem adotou para com Deus uma atitude totalmente diferente da que deveria ter, e, agindo assim, destruiu o relacionamento que havia entre criatura e Criador, do qual depende, embora ele não saiba, sua verdadeira felicidade. Essencialmente, a salvação consiste na restauração dessa relação correta entre o homem e o seu Criador, a normalização do intercâmbio de comunhão entre criatura e Criador, ou vice-versa.

Uma vida espiritual satisfatória sempre tem início com uma mudança completa na relação entre Deus e o pecador — não se trata apenas de uma mudança de caráter judicial, mas de uma alteração consciente e experimental, que afeta toda a natureza do pecador. A expiação efetuada pelo sangue de Jesus torna essa transformação legalmente possível, assim como a operação do Espírito Santo a

torna emocionalmente satisfatória. A narrativa do filho pródigo ilustra perfeitamente esta última fase. Ele atraía um mundo de aflições sobre si mesmo, ao abandonar a posição que, por direito, lhe pertencia por ser filho. No fundo, sua restauração não foi outra, senão o restabelecimento da relação pai-filho, que existira desde o seu nascimento, mas que fora temporariamente alterada pelo seu ato de rebeldia pecaminosa. Essa narrativa deixa de lado os aspectos legais da redenção, mas torna perfeitamente claros os aspectos experimentais da salvação.

Para se estabelecer uma analogia qualquer é preciso haver um ponto de comparação. Em algum lugar há de haver um centro fixo pelo qual tudo o mais é aquilado, e onde não existe a lei da relatividade; e possamos dizer isto “É”, em termos absolutos, sem necessidade de se acrescentarem quaisquer qualificativos. Deus é este centro. Quando ele quis tornar seu nome conhecido pela humanidade, não encontrou maneira melhor de fazê-lo do que chamar-se de “Eu Sou”. Quando Deus fala na primeira pessoa, diz “Eu Sou”; quando nos referimos a ele, dizemos “Ele É”; e quando falamos diretamente com ele, dizemos “Tu És”. Todas as criaturas e todas as coisas são avaliadas em relação a esse ponto fixo. “Sou o que sou”, disse Deus — o que equivale a “eu não mudo”.

Da mesma maneira que o marinheiro localiza sua posição no mar observando a altura do sol, nós também podemos conhecer nossas bases morais olhando para Deus. É mister que comecemos em Deus. Só estaremos no caminho certo, quando nos colocarmos na posição correta em relação a Deus, e quanto mais nos desviarmos dela, mais errados estaremos.

Grande parte da nossa dificuldade origina-se de nossa falta de disposição em aceitar a Deus tal como ele é, e ajustar nossa vida à sua realidade. Insistimos em tentar modificar o Senhor, aproximando-o de nossa própria imagem. A carne rebela-se contra o rigor da sentença inexorável de Deus e, à semelhança de Agague, implora um pouco de misericórdia, um pouco de indulgência para com seu modo de ser e comportamento carnavais. Mas, em vão. Só podemos ter um relacionamento correto com Deus aceitan-

do-o como ele é, e aprendendo a amá-lo pelo que é. E se tentarmos conhecê-lo melhor, experimentaremos um gozo inexprimível, no fato de Deus ser tal como é. Alguns dos momentos mais arrebatadores que podemos conhecer são aqueles que passamos em adoração à sua divindade. Nesses momentos, até a idéia de que ele poderia sofrer alguma variação seria extremamente dolorosa.

Assim sendo, comecemos em Deus. Ele se acha acima de tudo, antes de tudo, e tudo tem nele sua causa. Ele é o primeiro na ordem de seqüência, superior em posição e estado, exaltado em dignidade e honra. Sendo auto-existente, ele deu origem a todos os seres, e tudo procede dele e para ele. “Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas.” (Ap 4.11.)

Toda e qualquer alma pertence a Deus e existe pela sua vontade. Sendo Deus quem ele é e o que é, e sendo nós quem e o que somos, a única relação concebível entre nós e ele é a de pleno senhorio da parte dele, e de completa submissão de nossa parte. Devemos a ele toda honra que pudermos render-lhe. Nossa constante infelicidade provém do fato de não lhe darmos tudo isso.

A busca de Deus exigirá que ajustemos nossa personalidade com a sua. E isso, não em termos de reconciliação, e, sim, de transformação. Não me refiro ao ato da justificação, mediante a fé em Cristo, mas à exaltação voluntária com que elevamos o Senhor à posição que lhe cabe por direito, bem como ao ajustamento espontâneo de todo nosso ser àquele modo de submissão e adoração que se coaduna com a relação Criador-criatura.

A partir do momento em que resolvemos pôr em prática a decisão de exaltar a Deus acima de tudo, nós deixamos de seguir o resto da humanidade. Descobrimos, então, que estamos desajustados no tocante às coisas do mundo, e isso se acentuará cada vez mais, à medida que formos progredindo nos caminhos de Deus. Adquiriremos uma nova perspectiva; uma nova mentalidade será formada dentro de nós; e ficaremos surpreendidos com o novo poder que fluirá de nossa pessoa.

Nosso rompimento com o mundo será resultado direto da mudança do nosso relacionamento com Deus, pois o mundo decaído não dá glória a Deus. Milhões de seres humanos chamam a si mesmos pelo nome dele, é verdade, e lhe prestam certas demonstrações de respeito; mas uma simples verificação mostrará que ele é muito pouco honrado entre eles. Se um homem qualquer for submetido à prova, sobre a questão de quem está no lugar de comando em sua vida, sua verdadeira posição será logo revelada. Se esse indivíduo for forçado a fazer uma escolha entre Deus e o dinheiro, entre Deus e os homens, entre Deus e suas ambições pessoais, entre Deus e ele mesmo, entre Deus e o amor humano, Deus será relegado sempre ao segundo lugar. Essas outras coisas serão exaltadas acima do Senhor. Por mais que esse homem proteste, a prova está nas escolhas que ele faz, dia após dia, toda a sua vida.

“Sê tu exaltado!” é a linguagem da experiência espiritual vitoriosa. Eis a pequena chave que destranca a porta dos maiores tesouros da graça. Isso é essencial para que Deus reine na vida do crente. Quando o homem chega a um ponto em que sua vida se harmoniza com o testemunho de seus lábios dizendo constantemente: “Sê tu exaltado!”, então milhares de probleminhas serão solucionados. Sua vida cristã deixará de ser aquela complicação que fora antes, para tornar-se a própria essência da simplicidade. Por sua própria vontade, ele escolheu seu caminho, e nele se manterá, como se fosse dirigido por um piloto automático. Se porventura se desviar do seu curso, voltará logo à vereda da verdade, como que levado por uma disposição íntima de alma. O sopro do Espírito atua sobre ele e “desde os céus pelejarão as estrelas” em seu favor. (Jz 5.20.) Ele resolveu o problema indo direto ao âmago da questão, e assim tudo o mais estará em harmonia consigo.

Ninguém deve pensar que o fato de entregarmos tudo a Deus vai ferir nossa dignidade humana. Isso não nos desmerece como seres humanos; pelo contrário, recebemos um lugar de maior honra justamente através dessa rendição, uma vez que somos criados à imagem do Criador. Nossa profunda desgraça origina-se de nossa desordem moral, e do fato de havermos usurpado ilegalmente um lugar que

só a Deus pertence. E quando devolvemos a Deus o trono que lhe foi usurpado, é comprovada nossa honra. Quando exaltamos a Deus acima de tudo, descobrimos que estamos colocando nossa própria dignidade num alto nível.

Aquele que relutar em render sua vontade à de outrem, deve relembrar as palavras do Senhor Jesus: “Todo o que comete pecado é escravo do pecado” (Jo 8.34). Por necessidade temos de ser servos de alguém — ou de Deus ou do pecado. O pecador ufana-se de sua suposta independência, totalmente inconsciente de que é um pobre escravo do pecado sendo este quem governa os seus membros. Mas o homem que se rende a Cristo, está trocando um amo cruel por um Senhor gentil e bondoso, cujo jugo é suave e cujo fardo é leve.

Tendo sido criados à imagem de Deus, não é difícil para nós aceitá-lo novamente como nosso Senhor. Deus foi o *habitat* original de nosso coração, e por isso é lógico que nos pareça natural retornar a essa antiga e maravilhosa habitação.

Espero ter conseguido deixar claro que há muita lógica na reivindicação de preeminência apresentada por Deus. Essa posição de senhorio cabe-lhe por justiça, nos céus e na terra. Quando nos arrogamos o direito ao lugar que é dele, toda a nossa vida se torna desarticulada. A ordem não poderá ser restaurada enquanto nosso coração não tomar a grande decisão: Deus será exaltado em minha vida.

“Aos que me honram, honrarei” (1 Sm 2.30), disse Deus certa feita a um sacerdote de Israel, e essa lei do reino de Deus ainda permanece até os nossos dias, sempre inalterável, apesar de se passarem os séculos ou mudarem as dispensações. A Bíblia inteira, juntamente com cada página da História, proclamam a perpetuação dessa lei. “E se alguém me servir, o Pai o honrará” (Jo 12.26), disse o Senhor Jesus, ligando o Antigo ao Novo Testamento e revelando que sua maneira de lidar com os homens é sempre a mesma.

Algumas vezes, a melhor maneira de encarmos uma situação é procurar ver o seu lado oposto. Eli e os seus filhos foram elevados à posição sacerdotal sob a condição de honrarem a Deus em suas vidas e com sua administração.

Mas eles falharam, e Deus enviou Samuel, para que lhes anunciasse as conseqüências. Sem que Eli o soubesse, essa lei da honra recíproca vinha operando todo o tempo, e agora chegara o momento de o juízo ser aplicado. Hofni e Finéias, os sacerdotes degenerados, caíram mortos na batalha, a esposa de Hofni faleceu ao dar à luz, os israelitas fugiram diante de seus inimigos, a arca de Deus foi capturada pelos filisteus, e o idoso Eli caiu de costas e morreu com o pescoço quebrado. E assim sobreveio esta cruel tragédia à família de Eli, por não haver dado honra a Deus.

Confrontemos agora aqueles homens com quase todos os personagens bíblicos que tenham procurado honestamente glorificar a Deus em sua existência terrena. Vejamos como Deus deixou passar fraquezas e disfarçou falhas, ao derramar sobre os seus servos a graça e bênçãos as mais extraordinárias. Seja Abraão, Jacó, Davi, Daniel, Elias, ou quem quer que mencionemos, à honra seguiu-se a honra, assim como a colheita vem após a sementeira. Esses homens firmaram o coração no propósito de exaltar a Deus acima de tudo; e o Senhor aceitou suas intenções como fatos, e agiu com eles de conformidade com essa determinação. Não foi uma perfeição absoluta, mas a sinceridade do coração que fez a diferença.

Na pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo essa lei se cumpriu com a mais absoluta precisão. Esvaziando-se, assumiu a forma de homem e a si mesmo se humilhou, e, de bom grado, deu toda a glória ao seu Pai, nos céus. Não procurou a sua própria honra, mas a honra daquele que o enviara. Por isso é que ele esclarece em determinada ocasião: “Se eu me glorifico a mim mesmo, a minha glória nada é; quem me glorifica é meu Pai.” (Jo 8.34.) Os orgulhosos fariseus tinham se afastado tanto dessa lei, que não puderam compreender aquele que honrava a Deus em detrimento de si próprio. “Pelo contrário, honro a meu Pai, e vós me desonrais”, disse o Senhor Jesus (Jo 8.49).

Outra afirmação do Senhor Jesus, extremamente perturbadora por sinal, foi feita em forma de pergunta: “Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros, e contudo não procurais a glória que vem do Deus único?” (Jo 5.44.) Se entendo corretamente estas palavras, ele está

declarando a alarmante verdade de que o desejo de honraria entre os homens, torna impossível a confiança em Deus. Seria esse pecado a raiz da nossa incredulidade? Não seriam as “dificuldades intelectuais”, que os homens apontam como responsáveis pela sua incapacidade de crer, apenas uma cortina de fumaça para esconder a verdadeira causa de sua incredulidade? Será que não foi esse intenso anelo pelas honrarias humanas que transformou os homens em fariseus, e os fariseus em deicidas? Não seria essa a causa oculta do farisaísmo religioso e de todas as formas vazias de adoração? Acredito que sim. Todas as áreas da vida do indivíduo ficam fora das devidas proporções quando ele não confere ao Senhor a posição que lhe cabe por direito. Exaltamos a nós mesmos, em lugar de exaltarmos a Deus, e o resultado é a maldição.

Em nosso desejo de seguir ao Senhor, jamais devemos nos esquecer de que Deus também tem aspirações, e que ele anela por uma comunhão com os filhos dos homens, e, mais particularmente, com aqueles filhos que tomam a decisão definitiva de o exaltarem acima de tudo. Tais pessoas são preciosas para Deus, mais que todos os tesouros da terra ou do mar. Nelas Deus encontra um instrumento perfeito para demonstrar sua incomensurável bondade para conosco, em Cristo Jesus. Em tais pessoas, Deus não encontra empecilhos, e pode agir para com elas livremente como Deus que é.

Ao dizer isso, receio que eu venha a convencer o intelecto de alguém antes que Deus possa conquistar o coração, uma vez que essa decisão de exaltar o Senhor acima de tudo não é fácil de se tomar. A mente pode aprová-la, e ainda assim não contar com o consentimento da vontade para colocá-la em prática. Embora a mente se disponha a honrar a Deus, muitas vezes a vontade permanece indecisa, e o indivíduo às vezes não percebe que seu coração está dividido. Entretanto, antes que o coração possa experimentar uma verdadeira satisfação, é necessário que o homem, com todo o seu ser, resolva tomar a decisão acertada. Deus quer tudo que há em nós, e não descansará enquanto não atingir completamente o seu alvo. Não lhe basta apenas uma parte do nosso ser.

Oremos especificamente sobre este assunto, lançando-nos aos pés de Deus e atentando realmente para aquilo que as nossas orações expressam. Quem orar em sinceridade, não terá de esperar muito tempo pelos sinais da aceitação divina. Deus revelará a sua glória perante os olhos de seus servos, e colocará todos os seus tesouros à disposição deles, pois sabe que sua honra está segura nas mãos dessas pessoas dedicadas.

Ó Deus, sê tu exaltado acima de tudo quanto possuo. Nenhum dos tesouros da terra será importante demais para mim, contanto que sejas glorificado em minha vida. Sê tu exaltado acima de minhas amizades, pois decidi que estarás acima de tudo, ainda que eu tenha que ficar isolado e sozinho no meio da Terra. Sê tu exaltado acima de todas as minhas comodidades. Ainda que isso signifique perder o conforto material e carregar uma cruz pesada, cumprirei o meu voto perante ti diariamente. Sê tu exaltado acima de minha reputação. Faz com que minha ambição seja agradar-te, ainda que, em resultado disso, eu tenha de ficar na obscuridade e o meu nome seja esquecido como um sonho passageiro. Levanta-te, ó Senhor, e ocupa o lugar de honra que a ti pertence, acima das minhas ambições, acima de meus gostos e desprazeres, acima de minha família, de minha saúde e até de minha própria vida. Que eu diminua, para que tu sejas exaltado; que eu desapareça, para que tu sejas elevado mais e mais. Usa-me como usaste o jumentinho, ao entrares em Jerusalém, e deixa-me ouvir as crianças te glorificarem: "Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito o reino que vem, o reino do nosso pai Davi! Hosana, nas maiores alturas!" (Mc 11.9, 10.)

CAPÍTULO 9

MANSIDÃO E DESCANSO

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra. (Mt 5.5.)

Para fornecer um quadro fiel da raça humana a alguém que a desconhecesse, bastaria que tomássemos as bem-aventuranças e invertêssemos o seu sentido. Então poderíamos dizer: "Eis aqui a raça humana." Pois a verdade é que as características que distinguem a vida e a conduta dos homens são justamente o oposto das virtudes enumeradas nas bem-aventuranças.

Neste mundo dos homens não vemos nada que se aproxime pelo menos um pouco das virtudes que Jesus mencionou logo no início de seu famoso Sermão do Monte. No lugar da humildade de espírito, encontramos o orgulho em seu mais alto grau; em lugar de pranteadores, encontramos somente os que buscam os prazeres; em vez de mansidão, por toda a parte nos cerca a arrogância; ao contrário de fome e sede de justiça, só se ouve os homens exclamando: "Estou rico de bens, e de nada tenho necessidade"; em vez de misericórdia, contemplamos a crueldade; ao invés de pureza de coração, abundam os pensamentos corruptos; em vez de pacificadores, os homens são irascíveis e rancorosos; em lugar de regozijo em face das injúrias, vemos os homens revidando a afronta com todas as armas ao seu alcance.

É esta a substância moral de que se compõe o chamado mundo civilizado. Todo o ambiente está contaminado; nós o respiramos a cada momento e bebemos dele juntamente com o leite materno. A cultura e a educação refinam apenas superficialmente essas qualidades negativas, mas deixam-nas basicamente intactas. Todo um mundo lite-

rário foi criado para defender a tese de que esta é a única maneira normal de se viver. E isso se torna ainda mais estranho quando percebemos que são justamente esses os males que tanto amarguram a existência de todos nós. Todas as nossas preocupações e muitas de nossas mazelas físicas originam-se diretamente dos nossos pecados. O orgulho, a arrogância, o ressentimento, os maus pensamentos, a malícia, a cobiça — essas são as fontes de todas as enfermidades que afligem a nossa carne.

Em um mundo como este, as palavras de Jesus soam de um modo maravilhoso e totalmente novo, como uma visitação do alto. Foi bom que ele tivesse dito aquelas palavras, porque ninguém poderia tê-lo feito tão bem quanto ele; e nós deveríamos dar ouvidos à sua voz. Suas palavras são a essência da verdade. Ele não estava apenas exprimindo sua opinião; Jesus jamais apresentou opiniões. Ele nunca fazia conjecturas; pelo contrário, ele sabia e sabe todas as coisas. Suas palavras não foram, como as de Salomão, a súplica de uma profunda sabedoria ou o resultado de uma cuidadosa observação. Ele falava na plenitude da sua divindade, e suas palavras são a própria verdade. Ele era o único que poderia ter dito “bem-aventurados”, com a mais completa autoridade, pois ele é o bendito de Deus que veio a este mundo a fim de conferir bênçãos à humanidade. Suas palavras foram apoiadas por feitos mais poderosos do que os de qualquer outra pessoa da Terra. Obedecê-las é prova de grande sabedoria.

Como geralmente acontecia, Jesus empregou o vocábulo “mansos” numa frase curta e resumida, e só algum tempo depois foi que passou a explicá-lo. No mesmo Evangelho de Mateus, ele nos fala novamente nessa palavra e aplica-a à nossa vida. “Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.” (Mt 11.28-30.) Aqui vemos dois conceitos opostos: fardo e descanso. Este fardo não pesava somente sobre aqueles que ali se achavam, mas sobre toda a raça humana. Não se trata de opressão política, nem de pobreza, nem de trabalho árduo. É um

problema bem mais complexo do que isso. Os ricos e os pobres o sentem da mesma forma, porque é um estado do qual nem riquezas nem lazeres podem nos libertar.

O fardo que pesa sobre a humanidade é grande e esmagador. O termo empregado pelo Senhor Jesus indica que é um peso que levamos conosco, ou uma fadiga que chega à exaustão. O descanso é simplesmente o alívio que sentimos quando essa carga nos é tirada dos ombros. Não se trata de algo que fazemos, mas de algo que nos é proporcionado, quando deixamos de fazer outra coisa. A sua própria mansidão — esse é o nosso descanso.

Façamos um exame desse fardo. Ele se localiza em nosso íntimo. Chega primeiramente ao coração e à mente, e atinge o nosso corpo de dentro para fora. Primeiramente há o fardo do *orgulho*. Nosso esforço para resguardar o amor-próprio é realmente exaustivo. Se procurarmos examinar nossa vida, verificaremos que muitas das nossas aflições têm origem no fato de alguém ter falado de modo depreciativo a nosso respeito. Enquanto o homem se considerar um pequeno deus, ao qual deve tributar sua lealdade, haverá sempre aqueles que se deleitarão em afrontar seu ídolo. Como, então, esperamos ter paz interior? O veemente esforço que o coração envida para defender-se contra as injúrias, para proteger a sua honra sensível, contra toda opinião desfavorável da parte de amigos e adversários, jamais permitirá que sua mente goze paz. Se persistirmos nessa luta, com o passar dos anos, o fardo se tornará simplesmente intolerável. No entanto, os homens continuam levando essa carga pela vida afora, desafiando cada palavra proferida contra eles, ressentindo-se contra toda crítica, magoando-se profundamente com a mais leve indiferença, revolvendo-se insones em seus leitos, se outros forem preferidos em lugar deles.

Todavia ninguém é obrigado a carregar um fardo pesado como esse. Jesus nos convida a descansar nele, e a mansidão é o método aplicado. O homem manso não se importa se alguém for maior do que ele, porque há muito compreendeu que as coisas que o mundo aprecia não são importantes para ele, e não vale a pena lutar por elas. Pelo contrário, desenvolve para consigo mesmo um interessante senso

de humor e passa a dizer: “Ah, então você foi esquecido, hein? Passaram você para trás, não é? Disseram até que você é um traste sem importância? E agora você está ressentido porque os outros estão dizendo exatamente aquilo que você mesmo tem dito sobre si? Ainda ontem você disse a Deus que não representa nada, que é apenas um verme que vem do pó. Onde está a sua coerência? Vamos, humilhe-se, deixe de preocupar-se com o que os homens pensam.”

O homem manso não é covarde nem vive atormentado por reconhecer sua própria inferioridade. Pelo contrário, seu espírito é valente como um leão e forte como um Sansão; porém, deixou de iludir a si próprio. Reconheceu que é correta a avaliação que Deus faz de sua própria vida. Compreende que é fraco e necessitado tal como Deus afirmou que ele é; mas, paradoxalmente, ao mesmo tempo sabe que, aos olhos de Deus, é mais importante que os próprios anjos. Nada representa em si mesmo, mas em Deus, tudo. Esse é o seu lema. Sabe perfeitamente bem que o mundo jamais o verá como Deus o vê, e por isso deixou há muito de importar-se com os conceitos dos homens. Sente-se plenamente satisfeito em deixar que Deus estabeleça os seus valores. Aguarda pacientemente o dia em que todas as coisas serão julgadas, e o seu verdadeiro valor será reconhecido por todos. Só então é que os justos resplandecerão no reino de seu Pai. Ele está disposto a esperar esse dia.

Nesse ínterim, terá encontrado descanso para sua alma. Se andar em mansidão, ele ficará satisfeito em permitir que Deus o defenda. Já não precisa lutar para defender o seu “eu”, porque encontrou a paz que a mansidão proporciona.

Outrossim, ficará livre do fardo do *fingimento* . Quando digo fingimento, não me refiro à hipocrisia, mas ao desejo muito comum no homem de mostrar ao mundo o seu lado melhor, ocultando sua verdadeira pobreza e miséria internas. Pois o pecado tem usado conosco de muitas artimanhas traiçoeiras, e uma delas foi incutir em nós um falso sentimento de vergonha. Dificilmente encontramos alguém que queira ser exatamente o que é, sem tentar forjar uma aparência exterior para o mundo. O temor de ser descoberto

corrói o coração humano. O homem de cultura sente-se perseguido pelo receio de algum dia aparecer um homem mais culto do que ele. O erudito teme encontrar outro mais erudito do que ele. O rico vive preocupado, sempre com receio de que suas roupas, seu automóvel ou sua casa algum dia pareçam baratos em comparação com as posses de outro homem mais rico do que ele. Os motivos que impulsionam a chamada “alta sociedade” não são mais nobres do que esses, e as classes mais pobres, em seu próprio nível, também, não são muito melhores em suas atitudes.

Ninguém deve menosprezar essas verdades. Esse fardo é real, e, pouco a pouco, ele mata as vítimas dessa maneira de viver nociva e antinatural. Esta mentalidade adquirida através dos anos faz com que a mansidão autêntica nos pareça irreal como um sonho, e distante como as estrelas. É justamente às vítimas dessa enfermidade corrosiva que o Senhor Jesus diz: “Deveis tornar-vos como criancinhas.” Isso porque as criancinhas não fazem comparações dessa natureza, mas alegram-se naturalmente com aquilo que possuem, sem se incomodar com o que as outras crianças possam ter. Somente quando se tornam maiores, e o pecado começa a afetar seus corações, é que aparecem o ciúme e a inveja. Daí por diante são incapazes de desfrutar do que possuem, se alguém tiver algo maior ou melhor. E desde essa tenra idade o fardo passa a pesar sobre suas almas, e nunca mais as deixa, até que o Senhor Jesus lhes dê a libertação.

Outro pecado que representa uma carga pesada para o homem é a *artificialidade*. Estou certo de que a maioria das pessoas vive com um receio íntimo de que algum dia acabarão se descuidando e, talvez, um amigo ou inimigo consiga ver o interior de suas almas vazias e pobres. Dessa forma, elas vivem numa constante tensão. As pessoas mais inteligentes vivem preocupadas e alertas, com medo de serem levadas a dizer algo que pareça vulgar ou estúpido. As viajadas receiam encontrar algum Marco Polo que lhe fale de algum lugar remoto, onde jamais estiveram.

Essa condição antinatural faz parte de nossa triste herança de pecado; em nossos dias, entretanto, o problema

é agravado pelo nosso modo de viver. A propaganda baseia-se quase inteiramente nesse hábito de preocupar-se com a aparência externa. Oferecem-se “cursos” sobre este ou aquele campo do saber humano, os quais apelam claramente para o desejo que a vítima tem de se sobressair. Vendem-se livros, inventam-se vestes e cosméticos, brincando continuamente com esse desejo que o homem tem de parecer o que não é. A artificialidade é uma maldição que desaparece no momento em que nos ajoelhamos aos pés do Senhor Jesus e nos rendemos à sua mansidão. Daí para a frente não nos incomodaremos com o que as pessoas pensam a nosso respeito, contanto que Deus nos esteja aprovando. Então *o que somos* será tudo; e o que parecemos ser descerá na escala de valores das coisas que nos interessam. Afastado o pecado, nada temos de que nos possamos envergonhar. Somente o nosso desejo de prestígio é que nos faz querer parecer aos outros aquilo que não somos.

O mundo inteiro está a ponto de sucumbir sob esse fardo tremendo de orgulho e dissimulação. Ninguém pode ser liberto dessa carga a não ser através da mansidão de Cristo. Uma racionalização inteligente pode ajudar, mas muito pouco, pois esse hábito é tão forte, que, se o abafarmos aqui, ele surgirá mais adiante. Jesus diz a todos: “Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.” O descanso oferecido por ele é o descanso da mansidão, aquele alívio bendito que sentimos quando admitimos o que realmente somos, e deixamos de lado todo o fingimento. É preciso bastante coragem a princípio, mas a graça necessária nos será dada, pois veremos que estamos partilhando esse outro jugo com o Filho de Deus. Ele mesmo o chama de “meu jugo”, e leva-o ombro a ombro conosco.

Senhor, torna meu coração como o de uma criança. Livra-me do impulso de competir com os outros, buscando posição mais elevada entre os homens. Desejo ser simples e ingênuo como uma criança. Livra-me das atitudes fingidas e da dissimulação. Perdoa-me por haver pensado tanto em mim. Ajuda-me a esquecer a mim

mesmo e a encontrar minha verdadeira paz na tua contemplação. A fim de que possas responder a esta oração, eu me humilho perante ti. Coloca sobre mim o teu fardo suave do autodesprendimento, para que eu possa encontrar descanso. Amém.

CAPÍTULO 10

SANTIDADE NO VIVER

Portanto, quer comais, quer bebais, ou façais outra cousa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus. (1 Co 10.31.)

Um dos maiores empecilhos à paz interior, que o crente encontra em sua carreira cristã, é o hábito bastante comum de dividirmos nossa vida em duas áreas, a sagrada e a secular. Se aceitamos que essas áreas existem à parte uma da outra, e que são moral e espiritualmente incompatíveis, e se, a despeito disso, somos obrigados, pelas necessidades da própria existência, a cruzarmos e entrecruzarmos constantemente uma área com a outra, nossa unidade interior tende a se desfazer, e passamos a ter uma vida dividida, em lugar de uma vida unificada.

Esse problema se origina do fato de que nós, que seguimos a Cristo, habitamos em dois mundos ao mesmo tempo, o espiritual e o natural. Na qualidade de filhos de Adão, vivemos na terra sujeitos às limitações da carne e às fraquezas e males herdados pela natureza humana. O simples fato de viver entre os homens requer de nós anos de trabalho árduo, e muitos cuidados e atenções para com as coisas deste mundo. Em violento contraste com isso temos a vida do espírito. Ali desfrutamos de outra espécie de vida, uma vida superior; somos filhos de Deus; temos uma posição celestial e usufruímos de comunhão íntima com Cristo.

Isso tende a dividir toda a nossa existência em duas dimensões. Inconscientemente passamos a reconhecer duas modalidades de procedimento. A primeira, nós a assumimos com certo sentimento de satisfação e a firme certeza de que é agradável a Deus. Trata-se do nosso comportamento

gioso, e geralmente associamos a ele a oração, a leitura da Bíblia, o cântico de hinos, a frequência à igreja e outros atos semelhantes, diretamente originados da fé. Estas ações e atitudes podem ser reconhecidas por não terem relação direta com este mundo, em si mesmas, e, não fariam sentido, não fosse a fé nos revelar a existência de um outro mundo — “um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus” (2 Co 5.1).

Em contraposição a essa atitude religiosa está o nosso comportamento diante das ações seculares. Elas abrangem todas as atividades comuns da vida, das quais participamos juntamente com todos: comer, dormir, trabalhar, cuidar das necessidades do corpo e realizar todas as nossas rotineiras e triviais responsabilidades terrenas. Geralmente é com relutância que nos ocupamos delas, e com muitas apreensões, quase sempre desculpando-nos diante de Deus por aquilo que consideramos um desperdício de tempo e energias. O resultado disso é que nos sentimos intranquilos a maior parte do tempo. Atiramo-nos às nossas tarefas diárias com um sentimento de profunda frustração, afirmando a nós mesmos, intimamente, que chegará um dia, quando deixaremos para trás essa casca terrena e não mais nos incomodaremos com as questões deste mundo.

Essa é a antiquíssima antítese sacro-secular. A maioria dos crentes se embaraça nela. Não conseguem um ajustamento satisfatório entre as reivindicações opostas desses dois mundos. Procuram se equilibrar nessa corda bamba, e não acham paz nem em um, nem em outro. Suas forças ficam então reduzidas, sua perspectiva, confusa, e toda a alegria lhes é arrebatada.

Acredito que esse estado de coisas seja totalmente desnecessário. Nós nos deixamos envolver por um problema que realmente não existe, que é consequência de um mal-entendido. A antítese sacro-secular não tem fundamento algum no Novo Testamento. Portanto, uma compreensão mais perfeita da doutrina cristã poderá libertar-nos desse programa.

O próprio Senhor Jesus Cristo, que constitui o exemplo perfeito para nós, não conheceu uma vida dividida. Ele viveu nesta terra, na presença de Deus Pai, sem nenhuma

tensão, desde a infância até sua morte na cruz. Deus aceitou a oferta de sua vida inteira, e não fez nenhuma distinção entre uma ação e outra. Ele fez um breve resumo de sua existência terrena, no que diz respeito ao seu relacionamento com o Pai, com as seguintes palavras: "Eu faço sempre o que lhe agrada" (Jo 8.29). Vivendo entre nós, seres humanos, sempre se mostrou perfeitamente controlado e tranqüilo. Todas as pressões e sofrimentos que suportou derivam-se de sua posição de "portador" dos nossos pecados; jamais resultaram de incerteza moral ou de desajuste espiritual.

A exortação de Paulo, no sentido de que tudo façamos para a "glória de Deus" (1 Co 10.31), não é apenas mero idealismo religioso. É parte integrante da revelação de Deus ao homem, e precisa ser aceita como sendo a Palavra da verdade. Abre-se diante de nós a possibilidade de que todas as nossas ações sejam para a glória de Deus. A fim de que não tivéssemos dúvidas em aplicar esta verdade a todas as coisas, Paulo menciona especificamente o comer e o beber. Esse pequeno privilégio nós partilhamos com os animais irracionais, que não são eternos. Se até as humildes ações instintivas dos animais podem ser realizadas de maneira a honrar a Deus, então é difícil imaginar uma atividade humana que não possa ser executada desta forma.

O ódio monástico ao corpo humano, que figura com tanta evidência nas obras de alguns escritores religiosos da antigüidade, carece completamente de apoio nas Escrituras. É bem verdade que as Sagradas Escrituras falam de um recato natural, mas jamais de uma pudicícia exagerada ou de um falso senso de pudor. O Novo Testamento aceita como realidade o fato de que Jesus Cristo, quando se encarnou, tomou para si um corpo humano de verdade, e não procura rodeios para evitar as francas implicações desse fato. Cristo viveu nesse corpo, entre os homens, nesta terra, e, no entanto, jamais cometeu uma ação impura. Sua presença, em carne humana, dissipa de uma vez por todas a noção falsa de que existe algo na própria natureza do corpo humano que seja ofensivo à divindade. Foi Deus quem criou o nosso corpo, e não estamos ofendendo a

ele quando reconhecemos sua responsabilidade nessa criação. Deus não se envergonha das obras de suas próprias mãos.

A corrupção, o desregramento e o uso indiscriminado dos nossos instintos humanos — isto é o que deveria fazer-nos ficar envergonhados, e muito. As ações praticadas pelo corpo, quando realizadas em pecado e contrárias à natureza, jamais poderão honrar a Deus. Sempre que a nossa vontade introduzir em nossos instintos alguma perversão moral, eles deixarão de ser naturais e puros, como Deus os criou; em vez disso serão apetites desenfreados e imorais, que nunca podem redundar em glória para o seu criador.

Contudo, suponhamos que não haja perversão nem abuso. Imaginemos um crente em Jesus Cristo, em cuja vida se tenha operado a dupla experiência do arrependimento e do novo nascimento. Agora está vivendo de acordo com a vontade de Deus, pelo que pode apreender da sua Palavra escrita, a Bíblia. A respeito desse crente não seria errado afirmar que cada uma das suas ações é, ou pode ser, tão santa como a oração, o batismo ou a ceia do Senhor. Isso não significa reduzir tudo ao nível do secular; pelo contrário, é elevar todos os atos a um plano superior, conferindo a todas as manifestações da vida um caráter de santidade.

Se a ordenança é a manifestação externa de uma graça interior, então não precisamos hesitar em aceitar a tese acima exposta. Por um único ato de consagração de todo o nosso ser a Deus, podemos fazer com que cada ato subsequente venha a confirmar essa consagração. E já não temos motivos para sentir vergonha do nosso corpo — este servo que percorre conosco a jornada terrena — assim como Jesus também não se envergonhou do humilde jumentinho que o carregou pelas ruas de Jerusalém. "O Senhor precisa dele" (Mc 11.3) são palavras que bem poderiam ser aplicadas ao nosso corpo mortal. Se é verdade que Cristo habita em nós, da mesma forma que o jumentinho carregou Jesus, também levamos conosco o Senhor da Glória para que o mundo clame: "Hosana nas alturas!"

Não basta reconhecer o fato. Se desejamos ficar livres do eterno dilema sacro-secular, essa verdade deve "correr

em nossas veias", condicionando todos os nossos pensamentos. É mister que coloquemos realmente em prática o princípio de viver para a glória de Deus, agindo com firmeza e determinação. Se meditarmos nessa verdade, mencionando-a em nossas orações, trazendo-a constantemente à nossa lembrança, enquanto vivermos aqui entre os homens, passaremos a entender seu admirável significado. O velho e penoso dualismo desaparecerá para dar lugar à tranquilidade de uma vida unificada. A consciência de que pertencemos a Deus, de que ele recebeu tudo sem nada rejeitar, faz cessar dentro de nós o conflito entre o sagrado e o secular, porque todas as coisas se tornarão sagradas.

Mas isso ainda não é tudo. Os hábitos arraigados há longo tempo não podem ser mudados facilmente. Será necessário muito estudo e oração para nos libertarmos completamente dessa diferenciação entre sagrado e secular. Por exemplo, talvez não seja fácil para o crente assimilar a idéia de que as suas atividades diárias podem ser efetuadas como um ato de adoração, aceitável a Deus por meio de Jesus Cristo. A velha antítese ressurgirá muitas vezes, no fundo de sua mente, para perturbar a sua paz de espírito. O diabo também, não se conformará com isso facilmente. Na condução, no trabalho ou no campo ele virá lembrar-nos de que estamos dedicando a melhor parte do dia às coisas deste mundo, e uma porção insignificante ao nosso espírito. E, se não formos muito cautelosos, essas sugestões vão criar confusão, desencorajar-nos e acarretar-nos grande aflição de espírito.

Só podemos enfrentar essa situação com êxito se exercitarmos uma fé robusta. Precisamos oferecer todas as nossas ações a Deus, confiando em que ele as aceita. Mas, em seguida, é necessário permanecer firme nessa posição e continuar reconhecendo que cada um dos nossos atos, em todos os instantes, deve ser vinculado à entrega que fizemos. Reiteremos perante o Senhor, constantemente, o nosso voto de fazer tudo para a sua glória e, durante o dia, em meio às tarefas diárias, elevamos o pensamento a Deus em oração, várias vezes. Coloquemos em prática o princípio de fazer de todo trabalho nosso um sacerdócio. Creiamos que Deus toma parte até nas situações mais insignificantes

da nossa vida, e aprendamos a reconhecer nelas a sua presença.

Outro engano semelhante ao que estamos discutindo é essa distinção entre sagrado e secular aplicada a lugares. É quase inacreditável que alguém, depois de ler o Novo Testamento, ainda continue crendo que certos lugares são santos por natureza, enquanto outros não o são. Essa interpretação errônea já está tão generalizada, que qualquer um que tentar combatê-la, se achará lutando sozinho. Essa ideologia como que obscureceu o raciocínio dos crentes, vendando-lhes também os olhos, de modo que lhes é praticamente impossível perceber a sua capciosidade. Apesar de o ensino neo-testamentário ser manifestamente contrário a semelhante idéia, essa falsa teoria tem se espalhado através dos séculos, sendo aceita como parte da doutrina cristã, embora não seja verdade, naturalmente. Até onde sei, o único grupo religioso que teve percepção espiritual para reconhecer esse engano, e também a coragem necessária para denunciá-lo, foi o dos Quakers.

O que penso ter acontecido foi o seguinte: pelo espaço de quatrocentos anos, Israel habitara no Egito, cercado pela mais crassa idolatria. Por intermédio de Moisés, finalmente conseguiu sair dali, e se pôs a caminho, em direção à terra prometida. O conceito certo de santidade esvaíra-se por completo de sua mente. Para corrigir isto, Deus teve que começar apresentando uma idéia bem rudimentar de sua santidade. Manifestou-se a princípio na nuvem e na coluna de fogo. Mais tarde, após a construção do tabernáculo, passou a habitar no Santo dos Santos. Deus usou inúmeras maneiras para mostrar ao povo de Israel a diferença entre o santo e o profano. Havia dias santos, vasos santos, vestes santas. Havia abluções, sacrifícios e ofertas de várias modalidades.

Através desses símbolos, o povo de Israel aprendeu que *Deus é santo*. Era justamente essa a lição que o Senhor queria ensinar-lhes. Não era a santidade de objetos ou de lugares que eles deviam aprender, mas a santidade de Deus Jeová.

Chegou, então, o dia longamente esperado da vinda de Jesus Cristo ao mundo. Desde o início de seu ministério ele

ensinava dizendo: “Ouvistes que foi dito aos antigos... Eu, porém, vos digo...” (Mt 5.21, 22). O simbolismo usado no Antigo Testamento estava ultrapassado. Quando Cristo morreu na cruz, o véu do templo rasgou-se de alto a baixo. Ficou aberto o Santo dos Santos a todos quantos ali quisessem entrar pela fé. As seguintes palavras de Jesus se cumpriram: “A hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai... Mas vem a hora, e já chegou, quando os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade.” (Jo 4.21, 23, 24.)

Poucos anos depois Paulo deu o grito de liberdade, e declarou limpos todos os alimentos, santos todos os dias, sagrados todos os lugares e aceitáveis a Deus todas as ações corretas. A santificação de certos dias e lugares, embora necessária para instruir o povo, era uma noção muito vaga da santidade de Deus e desapareceu diante da plenitude da adoração prestada em espírito.

Cultuar a Deus em espírito continuou a ser um privilégio da Igreja, mas esse privilégio, com o decorrer dos tempos, foi aos poucos sendo esquecido. Então, o *legalismo* vazio, próprio do coração decaído do homem, conduziu-nos de volta à antiga e já abolida distinção entre sagrado e secular.

Para que este assunto fique bem claro e não haja mais dúvida alguma, desejo mencionar as implicações práticas desse preceito que venho tentando defender, isto é, que todos os dias da nossa existência são igualmente santos. Em contraposição ao conceito de vida unificada, desejo apontar alguns aspectos que não estão incluídos nesse conceito.

Ele não significa, por exemplo, que tudo quanto fazemos tem a mesma importância. Um ato realizado por um crente pode ser bastante diferente dos outros, em importância. A atividade do apóstolo Paulo como fabricante de tendas, não teve a mesma importância que o seu trabalho

de escrever a epístola aos romanos, por exemplo; mas ambas as coisas foram aceitas pelo Senhor, e ambas foram atos de adoração. Certamente é muito mais importante conduzir uma alma a Cristo do que cuidar de um jardim. Mas o preparo de um jardim *pode* ser um trabalho tão santo quanto o ato de conquistar uma alma para o Salvador.

Ele não significa também que todos os indivíduos sejam igualmente úteis. Os dons que operam no corpo de Cristo, que é a Igreja, variam muito. Um pregador qualquer não pode ser comparado com um Lutero ou com um Wesley, no que toca à sua utilidade individual para a Igreja e o mundo; entretanto, o trabalho do irmão menos dotado é tão santo quanto o do irmão mais abençoado, e Deus aceita a ambos com igual prazer.

Um leigo não deve jamais imaginar que a sua tarefa humilde seja inferior ao trabalho de um ministro evangélico. Se ele permanecer na vocação em que foi chamado, o seu trabalho será tão santo quanto a obra de um ministro do evangelho. Não é o que o homem faz que determina se sua obra é sagrada ou secular, mas o fator determinante é o seu *motivo*. O motivo é tudo. Depois que o crente santificar ao Senhor em seu coração, daí por diante não fará mais nada como antes. Tudo quanto fizer será bom e aceitável a Deus, por intermédio de Jesus Cristo. Para um crente assim, a própria existência é um sacramento, e o mundo inteiro, um santuário. Sua vida, em todos os aspectos, será um sacerdócio. Ao executar suas tarefas, que nunca são fáceis, ouvirá vozes de serafins, que exclamam: “Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória.” (Is 6.3.)

Senhor, desejo confiar-me inteiramente a ti; quero ser completamente teu; meu anelo é exaltar-te acima de tudo. Oxalá eu sentisse que não possuio outra coisa além de ti. Almejo estar constantemente cômico de tua presença protetora e ouvir a tua voz. Minha vontade é viver em paz e sinceridade de coração. Quero viver tão cheio do teu Espírito que todos os meus pensamentos te sejam tão agradáveis quanto o incenso que sobe até

teu trono, e que cada ato de minha vida seja de adoração. Assim sendo, oro com as palavras de um grande servo teu de outrora: "Rogo-te que purifiques os intentos do meu coração com a indizível dádiva de tua graça, a fim de que te possa amar de modo perfeito e louvar-te de um modo que seja digno." E creio, confiantemente, que tu me proporcionarás tudo isto através dos méritos de Jesus Cristo, teu Filho. Amém.